CAMINHOS
Revista online de divulgação científica da Unidavi

Dossiê Humanidades

ISSN -2236-4552

CAMINHOS

Revista online de divulgação científica da UNIDAVI

“Dossiê Humanidades”

editora unidavi

Ano 10 (n. 34) - abr./jun. 2019.

Editora Unidavi
Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão - Proppex

Reitor: Célio Simão Martignago
Pró-Reitor de Ensino, Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Charles Roberto Hasse
Pró-Reitor de Administração: Alcir Texeira

EDITORA UNIDAVI
Editor Responsável: Sônia Regina da Silva

Publicação Trimestral
Caminhos: revista online de divulgação científica da Unidavi

"Dossiê Humanidades"

Coordenação: Naiara Gracia Tibola
Equipe Técnica
Diagramação: Grasiela Barnabé Schweder
Arte: Mauro Tenório Pedrosa
Catalogação: Bibliotecária Andreia Senna de Almeida da Rocha

Contatos:

Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí - UNIDAVI
Rua Dr. Guilherme Gemballa, 13
Jardim América - Rio do Sul/SC
89160-932

E-mail: **editora@unidavi.edu.br**
Fone: **(47) 3531-6056**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....7

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES 8
Naiara Gracia Tibola
Anderson Hafemann
Charles Johason
Clecio da Rosa
Gabriel Berner de Souza
Giovani Machado
João Paulo Mattos Siqueira
Kauana da Rocha Campos
Lucas Alessandro Pereira Martins
Lucas Marinho
Marcio Rogerio Deucher Júnior
Roberto Martins
Ana Carolina Esteinck Boell

HOMOFOBIA NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO BRASILEIRO.....17
Rodrigo Jaci Silva
Lisandra da Silva Rocha1
Iliane Medeiros Santos da Silva1

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA ADESÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA AS FAMÍLIAS DO BAIRRO BARRA DO TROMBUDO EM RIO DO SUL 24
Rosangela Maria Blogoslawski
Michela da Rocha Iop

INICIAÇÃO ESPORTIVA SIGNIFICATIVA: O PAPEL DO PROFESSOR.....41
Fernanda Varela Büttner
Carolina Machado de Oliveira

PROMOÇÃO DE SAÚDE NA ESCOLA: A EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES 47
Maria Andréia Santiago da Silva
Fátima Aurilane de Aguiar Lima Araripe
Francisco Wagner de Sousa Paula
Germana Costa Paixão
Jones Baroni Ferreira de Menezes

PSICOLOGIA COMO MEIO PARA RESSIGNIFICAR A COMPETIÇÃO ESCOLAR À LUZ DA ABORDAGEM COMPORTAMENTAL.....60
Carolina Machado de Oliveira
Érica Mayer de Freitas
Michele Zanella

POR QUÊ SOMOS ASSIM COMO SOMOS? 69
Augusto Fey
Edison de Andrade

APRESENTAÇÃO

Prezado (a) leitor (a),

Caminhos - Revista Online de Divulgação Científica do Centro Universitário para Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí – Unidavi, com publicação trimestral, nesta edição do Dossiê Humanidades apresenta sete artigos de relevância para o meio acadêmico e comunidade. O primeiro artigo, de autoria de Naiara Gracia Tibola e os alunos do PROESDE Licenciatura 2018, apresenta uma pesquisa realizada em escolas da região do Alto Vale do Itajaí, com foco na Base Nacional Comum Curricular -BNCC e o que os professores compreendem sobre a mesma.

O segundo artigo intitulado Homofobia no ambiente carcerário masculino brasileiro, faz uma análise do universo prisional acerca da homofobia, desigualdades e ideologias. A pesquisa é desenvolvida por Rodrigo Jaci da Silva, Lisandra da Silva Rocha e Iliane Medeiros Santos da Silva.

O terceiro artigo é uma pesquisa que foi desenvolvida por Rosangela Maria Blogoslawski e Michela da Rocha Iop, intitulada Impactos psicossociais da adesão da economia solidária para as famílias do Bairro Barra do Trombudo em Rio do Sul, que busca mostrar a Economia Solidária como alternativa para famílias que tiveram grandes perdas emocionais e materiais com a enchente de 2011.

O quarto artigo traz uma reflexão sobre a iniciação esportiva na infância, tento como ênfase o papel do professor neste processo. O artigo se intitula Iniciação esportiva significativa: o papel do professor, e tem como autoras Fernanda Varela Büttner e Carolina Machado de Oliveira.

O quinto artigo escrito Maria Andréia Santiago da Silva**,** Fátima Aurilane de Aguiar Lima Araripe**,** Francisco Wagner de Sousa Paula**,** Germana Costa Paixão**,** Jones Baroni Ferreira de Menezes intitulado Promoção de saúde na escola: a educação sexual para adolescentes, parte de um relato de experiência a partir de atividades lúdicas.

O sexto artigo Psicologia como meio para ressignificar a competição escolar à luz da abordagem comportamental tem como autoras Carolina Machado de Oliveira, Érica Mayer de Freitas e Michele Zanella, discute como a competição em suas possibilidades de desempenho, desenvolve um novo olhar por trás dos mitos e verdades sobre a mesma.

O sétimo artigo intitulado Por quê somos assim como somos?, Escrito por Augusto Fey e Edison de Andrade. O trabalho aborda a evolução do homem a partir do livro de John Brockman.

Desejo a todos uma ótima leitura.

Mª. Naiara Gracia Tibola

Organizadora do Dossiê Humanidades

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES[1]

Naiara Gracia Tibola[2]
Anderson Hafemann[3]
Charles Johason[3]
Clecio da Rosa[3]
Gabriel Berner de Souza[3]
Giovani Machado[3]
João Paulo Mattos Siqueira[3]
Kauana da Rocha Campos[3]
Lucas Alessandro Pereira Martins[3]
Lucas Marinho[3]
Marcio Rogerio Deucher Júnior[3]
Roberto Martins[3]
Ana Carolina Esteinck Boell[4]

RESUMO
Este artigo apresenta o resultado da pesquisa realizada com professores da rede pública e privada da região do Alto Vale do Itajaí que tem por objetivo identificar as atividades realizadas quanto a Base Nacional Comum Curricular-BNCC e a opinião dos professores sobre a mesma. O trabalho faz parte do Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional PROESDE Licenciatura que no ano de 2018 teve como foco de estudos a Base Nacional Comum Curricular, Proposta Curricular de Santa Catarina e as Propostas Curriculares dos municípios de nossa região. A pesquisa utilizou da abordagem quanti/quali com questionário e análise com base nos documentos oficiais sobre educação. Os achados da pesquisa apontam que professores tem conhecimento da BNCC mas desejam que formações continuadas sobre o tema ocorram com mais frequência.

Palavras-chave: Base Nacional Comum Curricular, Professores, Educação.

1 INTRODUÇÃO

O Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí -UNIDAVI participa do Programa de Educação Superior PROESDE Licenciatura desde o seu inicio no ano de 2015. O programa tem por objetivo a concessão de bolsas de estudos para estudantes matriculados em Cursos de Graduação na área de Licenciatura, sendo que para o ano de 2018 conforme edital dez acadêmicos do curso de Educação Física foram contemplados.

A proposta de estudo e pesquisa teve como foco central neste ano o estudo da

[1] Pesquisa desenvolvida no ano de 2018 por acadêmicos que integram o programa PROESDE Licenciatura.
[2] Coordenadora e professora do PROESDE Licenciatura e docente na UNIDAVI. E-mail: naiaratibola@unidavi.edu.br
[3] Acadêmicos do curso de Educação Física e integrantes do PROESDE Licenciatura – UNIDAVI.
[4] Acadêmica do curso de Educação Física e integrantes do PROESDE Licenciatura (aluna ouvinte) – UNIDAVI

Base Nacional Comum Curricular, da Proposta Curricular de Santa Catarina e as Propostas Curriculares dos Municípios do qual as instituições que fazem parte do projeto realizam sua pesquisa. Em nossa região existe uma Proposta Curricular comum, que foi medida pela Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí– AMAVI e construída por professores, gestores e equipe técnica. Apenas três municípios não integraram esta proposta.

O objetivo principal do estudo é Identificar as atividades realizadas quanto a BNCC e a opinião dos professores sobre a mesma. Com isto os objetivos específicos seguem: Significar o que os professores compreendem sobre a BNCC; Analisar os conceitos da BNCC junto as respostas dos professores; Compreender o processo de formação continuada em relação a BNCC.

Logo surge a pesquisa que desenvolvemos no PROESDE Licenciatura, junto aos professores de educação física, área dos acadêmicos que estão no programa e gestores das escolas.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico utilizou de abordagens qualitativas e quantitativas. No que se refere a metodologia:

> Existem diversas concepções filosóficas e epistemológicas, neste caso será delimitado duas grandes abordagens: quantitativa e qualitativa. A abordagem quantitativa formulasse hipóteses, define-se variáveis, quantifica-se nas modalidades de coletas de dados. A abordagem qualitativa não emprega instrumentos estatísticos. Essa abordagem é utilizada quando se busca descrever a complexidade de um problema, delineando assim a pesquisa (BLOGOSLOWSKI, TIBOLA, WENRICH 2016, p.85).

Para melhor organização das atividades, estas foram divididas em 2 momentos. No primeiro momento estudamos a Proposta Curricular de Santa Catarina identificando os conceitos principais e aprofundando os que estavam de encontro com a realidade dos acadêmicos em especial a formação integral. Do mesmo modo foi feito com a BNCC – Educação Infantil e Ensino Fundamental séries Iniciais e Finais, buscamos identificar as competência gerais da Educação Básica e com isto prosseguir para as áreas em específico. Como os acadêmicos que frequentam o programa do PROESDE estão cursando Educação Física voltamos nossas atenções para esta área. Hoje o professor de educação física atua desde a educação infantil até o ensino médio, e com isto caminhos por todas as etapas da Base. Dentro da BNCC a educação física não está clara na educação infantil, logo os alunos buscaram identificar como podem relacionar os campos de experiência a sua área. Após passamos a estudar e verificar as Propostas Curriculares dos Municípios que foram delimitados por municípios "sedes[5]" sendo Rio do Sul, Ituporanga,

[5] Os municípios foram escolhidos por serem sede de uma Agência de Desenvolvimento Regional. Ao final da

Taió e Ibirama, á ferramenta que nos auxiliou neste processo foi o próprio portal da AMAVI, devido a maioria dos municípios integrarem a proposta curricular da região e o contato direto com as secretarias municipais de educação. Para a realização das atividades utilizamos de seminários, conversas, pesquisas (na biblioteca da instituição e internet) e leitura.

Na segunda etapa foram realizadas as pesquisas junto aos professores de educação física (por se tratar da área dos acadêmicos e gestores das escolas) das redes municipais, estaduais e particulares por meio de questionário. Os acadêmicos foram as escolas onde levaram uma carta de apresentação ao diretor/coordenador/gestor e explicaram o objetivo da pesquisa e após autorização, conversaram com os professores para que estes respondessem ao questionário.

As instituições que compõem o programa puderam contribuir para a elaboração do questionários que posteriormente foi encaminhado pela Diretoria de Políticas e Planejamento Educacional – DIPE da Secretaria Estadual de Educação do Estado-SED. Para a aplicação do questionário utilizamos da ferramenta do Google Formulários, onde este pode ser enviado através de e-mail e até mesmo pelo WhatsApp.

> Se a pesquisa for encaminhada por e-mail, não deverá o pesquisador esquecer de escrever um forte apelo para o pesquisado o responda o mais brevemente possível. Para que isto ocorra, é fundamental uma apresentação explicando o que está fazendo, por que o faz e para quem [...] o individuo precisa ser convencido da importância das suas respostas para o sucesso da pesquisa. (GOLDENBERG, 2015, p. 93).

Os acadêmicos precisaram de muita paciência e serem insistentes para obterem as respostas juntos aos professores. Alguns questionários foram encaminhados por e-mail conforme solicitação dos mesmos, alegando que na escola utilizavam do momento de janela e hora atividade para planejamento. Logo, outros questionários foram entregues impressos e o acadêmico acompanhou o momento das respostas do mesmo. Quanto aos gestores apenas um respondeu ao questionário.

Dessa forma obtivemos um número menor de resultados do qual desejávamos, mas conseguimos um número pra análise.

2 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) - IMPLEMENTAÇÃO DA BASE COM A ADEQUAÇÃO DOS CURRÍCULOS

A Base Nacional Comum Curricular tem sua homologação no dia 20 de dezembro de 2017, prevista na Constituição de 1988, na LDB de 1996 e no Plano Nacional de Educação de 2014, a BNCC foi construída coletivamente por professores e especialistas de cada área de conhecimento. No ano de 2018 para conhecimento e implementação da mesma foi realizado em março o dia “D” onde todas as unidades de ensino do País tiveram um momento de estudo

pesquisa apenas a ADR de Rio do Sul está em funcionamento.

da BNCC.

A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. A mesma está dividida em Etapa da Educação Infantil e a Etapa do Ensino Fundamental sendo que para cada área está subdivido em: Objetivos, Campos de Experiência e Competência e áreas de conhecimento para o ensino fundamental séries inicias e finais sendo assim distribuídos:

- Linguagens: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa;
- Matemática: Matemática;
- Ciências da Natureza: Ciências;
- Ciências Humanas: Geografia e História;
- Ensino Religioso: Ensino Religioso.

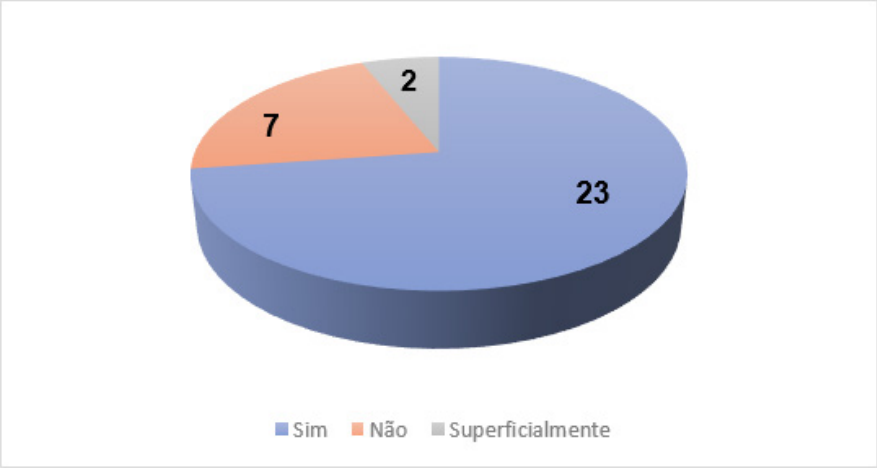
Os municípios do qual pertencem as escolas que foram entrevistados os professores e a própria região em si, estão realizando estudos pra implementação e atualização das propostas curriculares junto a BNCC. Este trabalho é vagaroso e aos poucos será construído.

3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa aconteceu em seis municípios sendo eles: Ibirama, Imbuia, Rio do Sul, Pouso Redondo, Salete e Santa Terezinha, em um total de trinta e dois[6] entrevistados (professores e gestores) que atuam na educação básica (passando por todos os níveis, educação infantil, séries iniciais - finais e ensino médio) e 2 professores deste grupo lecionam no ensino superior.

Um dos questionamentos realizados aos professores foi em relação ao contato deles com o material da BNCC;

Gráfico 1 – Você entrou em contato com o material da BNCC?



Fonte: Os autores (2018).

[6] Nosso foco para análise das entrevistas será os professores que estão em sala de aula todos os dias e convivem com todas as diversidades. Em relação ao gestores apenas 1 respondeu.

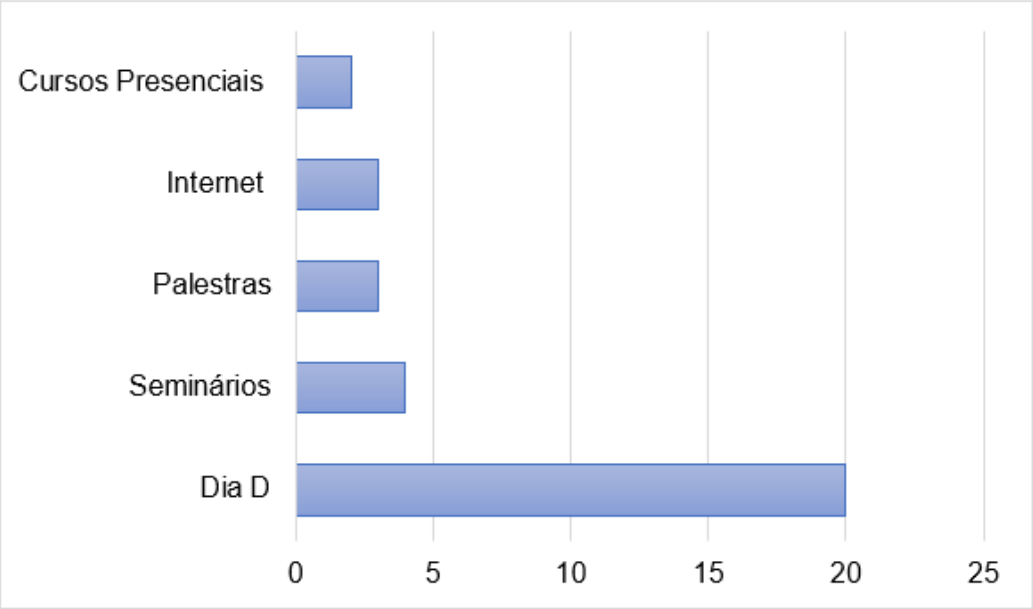
As respostas negativas nos deixaram surpresos pelo fato de ter acontecido o Dia "D" nas escolas e toda a divulgação em relação a homologação, com tudo existe uma contradição nas respostas posteriores.

> Não se pode concretizar uma base curricular sem a efetiva participação da sociedade, especialmente sem o diálogo com os professores, gestores e estudantes, pois é na escola que a BNCC se concretizará, em favor de uma determinada formação que inclui decisões políticas e ideológicas, uma vez que não há neutralidade na educação (MACIEL et al. 2016, p. 664).

Não podemos construir uma educação efetiva sem a participação dos professores e seu interesse por uma educação de qualidade.

Outra pergunta realizada para os entrevistados é em relação a formação sobre a BNCC se estes já haviam participado de alguma:

Gráfico 2 – Até o momento, você participou de alguma formação sobre a BNCC?



Fonte: Os autores (2018).

Todos os trinta e dois entrevistados afirmaram que participaram de alguma formação em relação a Base, apenas vinte estiveram presentes no dia "D", porém dois buscaram cursos presenciais sobre a mesma e os demais participaram de algum tipo de formação. Em relação ao outro questionamento em que 07 professores responderam que não tiveram contato com a Base as respostas dos mesmos se contrapõem em relação a esta pergunta.

Analisamos a questão que trata da implantação do currículo. Para esta análise buscamos as respostas mais relevantes e trocamos os nomes dos professores/gestores por letras do alfabeto. Obtivemos trinta respostas favoráveis e duas em branco. *Com a implantação do novo currículo com base na BNCC, Na sua percepção quais serão seus maiores desafios.* Em relação aos desafios os professores e gestores expuseram que umas das questões será trabalhar

com a formação integral, *"Trabalhar a formação integral do estudante, precisamos pensar nele* ***(Prof. A)".*** *"Trabalhar a formação integral do estudante;, trabalhar as competências e habilidades, material didático* ***(Prof. D)".***

> Assim, a formação integral continua sendo um dos mais importantes e antigos projetos humanos. A educação formal, com a adjetivação "integral", constitui uma luta contemporânea que representa uma alternativa para o avanço da sociedade em relação aos atuais limites da escola. Mais do que a noção de educação integral, o que está posto na atualidade é como a escola enquanto instituição social moderna pode cumprir a tarefa de promovê-la (PCSC, 2014, p.25)

Vem ao encontro das relações pedagógicas e didáticas, *"Fazer a transposição didática entre o atual e o novo currículo* ***(Prof. B)****"; ou "Estar preparado pedagogicamente* ***(Prof. C)".*** A fala dos professores estão ao encontro do que a proporia BNNC (2017, p.08) traz em seu conceito "nesse sentido, espera-se que a BNCC ajude a superar a fragmentação das políticas educacionais, enseje o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação".

Quando abordamos ações que a equipe gestora vem realizando em relação a continuidade de estudos sobre a BNCC a maioria das escolas estaduais, particulares e municipais (e aqui tratamos também da educação infantil) está se organizando com paradas pedagógicas nas escolas para estudo do documento, "*podemos conciliar o novo currículo com a nova proposta de uma maneira mais clara, tendo sempre um bom plano de aula, para obter os conhecimentos essenciais que todos os alunos das escolas do país devem aprender ano a ano na educação básica, obtendo assim cada vez mais um melhor resultado. Os estudos estão sendo importantes* ***(Prof.E)"****.* "Assim, para além da garantia de acesso e permanência na escola, é necessário que sistemas, redes e escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes, tarefa para a qual a BNCC é instrumento fundamental (BNCC, 2017, p.08).

Além disso algumas escolas estão organizando como acontecerá a formação no próximo ano "*Estamos conversando sobre a necessidade de formações durante o próximo ano* ***(Prof. F)****".*

Os professores nos surpreenderam em relação a sua opinião sobre como conciliar o novo currículo com a proposta curricular do estado de SC ou do município, expressaram o que vivem diariamente na escola e expuseram o rela valor do currículo;

> *"A proposta do município foi totalmente construída com base na BNCC, embora haja vários equívocos em relação a ambas. Mas está tudo dentro da proposta local de alguma forma. A proposta de SC não tenho conhecimento* ***(Prof. G)****".*
>
> *"Através da tecnologia nas escolas, como o sistema professor on-line, através do estudo de temas multidisciplinares, trazendo assuntos mais pertinentes a realidade dos alunos* ***(Prof. I)****".*
>
> *" O novo currículo implantou uma nova proposta a fim de melhorar a formação do aluno juntamente com a do educando, fazendo com que o aluno tenha uma formação*

> *continua dentro e fora da escola, ou seja formar cidadãos para a sociedade e para a vida. Acredito que a proposta não teve mudanças e sim teve melhorias, mais é difícil pôr na prática tudo o que proposta oferece, pois nem toda escola tem estrutura e condições por falta de verbas* ***(Prof. J)****".*

> *"Ainda estamos nos adequando no novo currículo Municipal! Temos muito o que aprender ainda!* ***(Prof.K)"***

> *"A BNCC, vem para nos auxiliar e complementar nossa proposta pedagógica. Inicialmente surgiram questionamentos, debates, discussões sobre qual seria a melhor maneira de estar incorporando a nova proposta, então fomos confrontando nossos pontos de vistas e assim construindo técnicas onde poderíamos estar expondo nossos interesses e sugestões para pudéssemos garantir aos nossos pequenos o que lhes é assegurado* ***(Prof. L)****".*

> *"*É de sua importância que o profissional da educação esteja envolvido e disposto a planejar suas aulas com base na nova proposta da BNCC, avaliando os aspectos específicos de cada região, assim o profissional estará desenvolvendo a melhor forma de aplicar sua metodologia de ensino ***(Prof. M)****".*

> *O currículo não pode ser compreendido apenas por um único olhar e perspectivas mas deve levar em consideração a forma em que ele se desdobra até chegar ao aluno* ***(Prof. N)****".*

> *Para atender às novas demandas oriundas do conviver humano, o Currículo Escolar tem sido ampliado ou modificado em sua estrutura e configuração. Atualmente, além das disciplinas básicas, o currículo escolar agregou uma série de conhecimentos multidisciplinares, tais como: questões de gênero e diversidade sexual, questões étnico-raciais, educação para o trânsito, educação fiscal, educação ambiental, educação e Direitos Humanos; e também questões que passam pelo desenvolvimento de ações para os modelos escolares: Educação do Campo, Educação Escolar Quilombola, Educação Escolar Indígena e Educação Especial. Isto tendo em vista a garantia de que os direitos humanos conquistados ao longo de nossa formação social permaneçam ou se aprimorem em busca de novos espaços* ***(Prof. H)****".*

Todos os professores tem uma visão ampla da nova abordagem curricular, sabem da garantia de formação em todos os sentidos para os alunos, uma educação de qualidade e envolvimento de todos para que isso aconteça "uma formação que reconheça e ensine a reconhecer o direito a diferença, a diversidade cultural e identitária; que contemple as dimensões ética, estética, política, espiritual, socioambiental, técnica e profissional (PCSC, 2014, p.27).

Os professores procuram agregar conhecimento em elencar estes em seus planejamento, abrangendo assim todas as áreas de formação. Com isto também sugerem ações para a formação continuada;

> *"Cursos de formação, palestras que conciliem a teoria dos livros, dos regimentos e documentos educacionais com a pratica em sala de aula de acordo com as mudanças estabelecidas* ***(Prof. O)****".*

> *"As formações via SENAC têm sido as melhores para este fim. Também tivemos formação do município na metade do ano e foi bem bacana a parte das competências sócio emocionais. Penso que este tema deveria aparecer mais nas formações em geral* ***(Prof. P)****".*

> *"Desenvolver mais encontros para que os professores tenham acesso aos conteúdos, na escola, nas reuniões pedagógicas* ***(Prof. Q)****".*

> *"Mais tempo para conversa entre os professores das demais unidades escolares* ***(Prof. R)****".*

Cada realidade busca uma forma de trabalhar com os professores, seja por cursos através de outras instituições de ensino, parada pedagógicas e reuniões. Também há solicitações de mais encontros e formações para entendimento do planejamento frente a BNCC sendo que esta apresenta as competências, objetivos e habilidades.

4 ANÁLISE CRÍTICA DOS RESULTADOS FRENTE À REALIDADE DA ESCOLA PÚBLICA

O autor José Saramago traz uma advertência: "Se podes olhar, vê; e se podes ver, repara!" É assim que enxergamos a escola pública, precisamos reparar, mas acima de tudo acreditar no processo de educação e formação de nossas crianças e jovens. Muitas vezes o problema está na gestão da escola, professores desmotivados e desacreditados e até mesmo nos educandos que ao não encontrar uma formação "atrativa" na escola. Não podemos ter mais o olha de escola como um depósito, onde conteúdos são repassados. Escola é prioridade tanto para governo como sociedade.

A pesquisa nos mostrou algumas informações "distorcidas" por parte de formações e contato com documentos que deveriam ser comuns para professores e gestão. A escola pública precisa se reformular frente a questões de políticas educacionais e na formação dos professores. Com tudo a falta de interesse e desmotivação dos professores também interfere neste processo, que para nós ficou claro durante a pesquisa. Muitas ações foram idealizada para o conhecimento da BNCC, em especial o dia "D" em que todas as escolas tiverem um momento para estudo do documento, mas nem todos demonstraram que participaram deste momento. A própria escola em si á frente de sua gestão, deve promover mais ações quanto á estudos envolvendo os professores por área como definido pelo documento da BNCC, para discussão e planejamento e articulação das ações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todos esses aspectos o PROESDE Licenciatura neste ano desafiou os alunos a conhecerem a BNCC de caráter normativo que define o conjunto essencial de aprendizagem a serem desenvolvidas nas etapas da Educação Básica. O envolvimento para estudo e pesquisa foi total dos alunos que se dispuseram a discussões e estudos.

Os objetivos propostos para a pesquisa foram alcançados sendo que os professores demonstram ter conhecimento sobre a BNCC, tendo um olhar diferenciado sobre o currículo, que

este seja amplo, emancipador e proponha reflexões sobre as práticas. Além disso reafirmamos que as formações continuadas em relação ao novo documento devem continuar, para que todos os educadores que ingressarem ou já estão na escola possam continuar atuando de forma efetiva e implementado as orientações que compõem a Base.

Por isso, pode-se afirmar que as contribuições da pesquisas neste ano são de grande valia para nós professore, estudantes e coordenação do PROESDE, como também para a Secretaria de Educação do Estado. O trabalho final será encaminhado para as escolas da qual nos receberem, para que possam ler e pensar estratégias para continuidade das atividades.

REFERÊNCIAS

BLOGOSLOWSKI, Ilson Paulo Ramos; TIBOLA Naiara Gracia; WEINRICH, Vaniele. **Caderno metodológico**: orientações para elaboração de trabalhos acadêmicos. Rio do Sul: UNIDAVI, 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular** –BNCC. MEC. Brasília, DF, 2017.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 14º ed. Rio de Janeiro: Record: 2015.

MACIEL, Cilene Maria Lima Antunes et al. Visão de professores de escolas de Cuiabá/MT e Campo Verde/MT sobre a Base nacional Comum Curricular (BNCC). In: S**aberes e Identidade: Povos, Culturas e Educação**. R. Educ. Públ. Cuiabá, v.26, n. 62/2, p.657-673, maio/ago. 2017

SANTA CATARINA. Governo do Estado, Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica. 2014. 192p.

HOMOFOBIA NO AMBIENTE CARCERÁRIO MASCULINO BRASILEIRO[1]

Rodrigo Jaci Silva[2]
Lisandra da Silva Rocha[3]
Iliane Medeiros Santos da Silva[4]

RESUMO
A presente pesquisa buscou analisar as manifestações homofóbicas dentre masculinos no ambiente carcerário brasileiro, contando com a estada de alguns valores próprios, edificados e reproduzidos pela população prisional e que operam especificamente sob e a favor do confinamento. À vista disto, realizou-se um estudo bibliográfico exploratório, com abordagem qualitativa, traçado a partir da análise de artigos com publicação em meio eletrônico, a respeito de homofobia e homossexualidade na prisão. Os resultados indicam um universo prisional preponderantemente homofóbico, presumivelmente à roda das mesmas relações de poder desiguais historicamente presentes entre homens e mulheres, conduzido à luz da rigidez de códigos internos de conduta estribados em ideologias conservadoras, em indubitável inobservância ao ordenamento jurídico pátrio. Logo, à margem do poder interventivo do Estado, macula, segrega e assujeita os homossexuais ao juízo autocrático de indivíduos ou organizações dominantes, ecoado, oportuno sublinhar, em inéditas proporções na máquina-prisão, à medida que abriga, na delimitação proposta, masculinos compelidos a coexistir por arrastados períodos de tempo. Considerou-se, em desfecho, a vigência de uma cultura da homofobia, que atravanca o acesso as demandas de educação e geração de renda na prisão, estruturada por representações sociais arbitrárias e preconceituosas sobre a homossexualidade, historicamente constituídas e abertamente reproduzidas a partir da percepção de inferioridade rudemente conferida ao feminino e de virilidade positivada ao masculino, bem como por aquelas forjadas na avidez de legitimização do poder dominante característico daquele meio, signo de assalto à dignidade humana, repulsa e desestima à homossexualidade em suas múltiplas dimensões.

Palavras-chave: Homofobia. Homossexualidade. Prisão.

ABSTRACT
The present research sought to analyze the homophobic manifestations among men in the Brazilian prison environment, counting on the stay of some values of their own, built and reproduced by the prison population and that operate specifically under and in favor of confinement. In view of this, an exploratory bibliographical study was carried out, with a qualitative approach, based on the analysis of articles with electronic publication, regarding homophobia and homosexuality in prison. The results indicate a predominantly homophobic prison universe, presumably rooted in the same unequal power relations historically present between men and women, conducted in the light of the rigidity of internal codes of conduct based on conservative ideologies, in undoubted disregard for the legal order of the country. Thus, on the margin of the interventionist power of the state, it maculates, segregates, and subjects homosexuals to the autocratic judgment of dominant individuals or organizations, echoed, opportune to emphasize, in unprecedented proportions in the prison machine, as it houses, in the proposed delimitation, to coexist for long periods of time. The validity of a culture of homophobia, which blocks access to the demands of education and income generation in prison, structured by arbitrary and prejudiced social representations on homosexuality, historically constituted and openly reproduced from the perception of inferiority rudely conferred on the feminine, and of virility positived to masculine, as well as those forged in the avid legitimacy of the dominant power characteristic of that milieu, a sign of assault on human dignity, repulses and dismisses homosexuality in its multiple dimensions.

Keywords: Homophobia. Homosexuality. Prison.

[1]Projeto Acadêmico desenvolvido na disciplina de Antropologia - UNIDAVI.
[2] Acadêmico do curso de Psicologia do Centro Universitário do Alto Vale do Itajaí - UNIDAVI
[3] Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário do Alto Vale do Itajaí - UNIDAVI
[4] Doutora em Sociologia Política / UFSC e professora Universitária no Centro Universitário do Alto Vale do Itajaí – UNIDAVI.

1 INTRODUÇÃO

O termo homofobia foi empregado, originalmente, pelo psicólogo clínico George Weinberg (1972), para definir sentimentos negativos em relação a homossexuais e às homossexualidades. Essa significação, defende Junqueira (2007), pode ainda ser acrescida, de modo a se referir a situações de preconceito, discriminação e violência em desfavor da liberdade de orientação sexual, considerando, para tanto, a existência de rigorosos padrões e imposições sociais normalizantes de gênero, visceralmente conexos a definição de "ser homem" e "ser mulher".

Logo, em se tratando de significações relativas ao entendimento da homofobia, admite-se as expressões "orientação sexual" como a "atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente pela outra" (CONSELHO, 2004, p.29) e "preconceito", como um juízo de valor, íntimo, dominado pelas emoções e desprovido de razão, que, à proporção que é exteriorizado, através de comportamentos que conferem tratamentos desiguais, converte-se em "discriminação" (FREIRE; CARDINALI, 2012).

Nessa pauta, ao situar a construção social da discriminação no contexto social brasileiro, Freire e Cardinali (2012) apontam como provável fonte de sentimentos homofóbicos a confusão existente entre papéis de gênero e sexuais, remetendo-a a acentuação de padrões sociais classificadores que demarcam características propriamente masculinas e femininas, pautadas, em uma distinção instituída entre os sexos.

À vista disto, salta aos olhos o preconceito, nutrido pela incapacidade internalizada de tolerar as diferenças de gênero, que, para Fernandes (2011), resulta de uma construção social de masculinidade e virilidade, que legitima e encoraja comportamentos agressivos contra homossexuais.

Ao ser conduzida a conjuntura prisional, que, segundo dados do Departamento Penitenciário Nacional, alusivos ao ano de 2014, conta com uma população que ultrapassa 600 mil pessoas (BRASIL, 2014), essa realidade é reproduzida e, defronte à conveniência dominante, transformada, à luz de códigos internos de conduta estribados sobre ideologias rígidas e discriminatórias (ZAMBONI, 2016).

É nessa seara que este artigo buscou problematizar as manifestações homofóbicas entre masculinos no ambiente carcerário brasileiro, a partir de valores próprios, construídos e reproduzidos pela população prisional e que atuam especificamente sob e a favor do confinamento. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica exploratória, com abordagem qualitativa, organizada através da análise de artigos científicos, com publicação em meio eletrônico, a respeito de homofobia e homossexualidade na prisão.

2 BRASIL, HOMOFOBIA E O CÁRCERE

Com a promulgação de sua Carta Magna, em 5 de outubro de 1988, o ordenamento

jurídico pátrio deixa expresso em seu arcabouço normativo, sua reprovação a qualquer forma de discriminação, conforme artigo 3º, IV:

> Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:
> (...)
> IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (BRASIL, 1988, grifo nosso).

Não obstante, alertam Lira e Ferreira (2017), a força normativa constitucional não se traduz somente em uma adaptação a realidade, ela precisa direcionar seus esforços para que a sociedade oriente sua conduta segundo a norma, uma vez que sem a vontade humana a ordem em si não obtém êxito.

Nesse sentido, colocando a homofobia em tela, em 2004, foi instituído o programa nacional de combate à violência e à discriminação contra GLTB[5] e promoção da cidadania homossexual, com o objetivo central de educar e mudar o comportamento dos gestores públicos, na "promoção de um contexto de aceitação e respeito à diversidade, de combate à homofobia e de mudança de comportamento da sociedade brasileira em relação aos gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais" (CONSELHO, 2004, p.27).

Seguindo a linha normativa, importante considerar as lutas promovidas pelo movimento homossexual brasileiro, organizado sob a premissa de "criar e fortalecer sua identidade sexual, bem como lutar por seus direitos e contra atos homofóbicos" (MORAES; SOARES, 2013, p.36), responsável por uma série de conquistas, dentre elas, a constitucionalidade de interpretação extensiva do art. 226, §3º da Constituição, para incluir as uniões entre pessoas do mesmo sexo" (FREIRE; CARDINALI, 2012).

Ainda assim, não são raros os discursos de ódio na atualidade, proferidos em desfavor das diversidades de gênero, decerto por conta de que "ao nascermos somos classificados socialmente pela forma da genitália e pela cor da pele, marcadores de diferença que geram hierarquias e nos posicionam no mundo" (SANTOS, 2013, p.66), em uma realidade onde "a cultura nos convida para atuarmos de determinadas maneiras que serão recompensadas, e não de outras" (MAYA, 2008, p.13), fato que, inevitavelmente, ecoa, em inéditas dimensões, na máquina-prisão, instituída e mediada pelo Estado, a fim de "extrair da culpa a tão pretendida adequação às normas sociais" (SANTOS, 2013, p.51).

2.1. MANIFESTAÇÕES HOMOFÓBICAS NO CENÁRIO PRISIONAL

É no universo prisional que, segundo Welzer-Lang (2001), o abuso sexual se apresenta como uma forma de dominação que escora a homofobia entre os masculinos, seguindo a mesma

[5] Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais.

relação de poder homem/mulher historicamente constituída, uma vez que os homossexuais, tidos como fracos e efeminados, são violentados pelos chefões e, frequentemente, posicionados como "empregadas", executando serviços domésticos e sexuais para os que lhes controlam.

Segundo Ferreira, Aguinsky e Rodrigues (2013), em exposição da pesquisa realizada com travestis no Presídio Central de Porto Alegre (PCPA), as práticas violentas contra a identidade de gênero e seus companheiros sempre fizeram parte da rotina do confinamento. Por consequência, no ano de 2011, foi erigida uma ala especial, famigerada de "ala dos travestis", com o objetivo de cessar com as violências físicas motivadas por sentimentos homofóbicos, todavia, uma vez ineficaz na sensibilização da problemática discriminação, se prestou não mais que a tornar, em contraproducência, mais intrincado o acesso as demandas de educação e geração de renda na prisão.

Nesse sentido, Zamboni (2016), ao discorrer sobre a criação de prisões para um "terceiro sexo", a partir de um trabalho realizado em um Centro de Detenção Provisória masculino na região metropolitana de São Paulo, alerta para a existência de casos paradoxais, onde ações específicas podem reforçar as próprias relações de poder que buscam combater. Nesse ângulo, as relações envolvendo questões de gênero não corresponderiam somente a situações de discriminação e violência, mas também a relações de troca afetiva, sexual e material, onde a separação seria ainda mais restritiva, em um já limitado campo de possibilidades.

Santos (2013), a partir de um estudo relacionado ao Sistema Penitenciário do Paraná, evidencia ainda que a masculinidade e virilidade é essencialmente valorizada na prisão, é preciso "ser um cara homem", não fraquejar, não expor sentimentos ou reproduzir qualquer outro tipo de padrão portado como feminino. Aos homossexuais, logo, recaem diversas proibições, como a de não poder realizar trabalhos que demandem o contato com os alimentos dos demais presos, fruto de preconceito e repulsa, ora, que presumem e repugnam "o local onde os homossexuais passam suas mãos", em alusão aos genitais de outro indivíduo do mesmo sexo.

Silva e Dias (2010), ao discorrer sobre a homossexualidade nas prisões paulistanas, afirmam que a posse sexual ultrapassa o âmbito da sexualidade e impõe marcas que definirão as posições sociais nesse universo por todo o tempo de cumprimento da pena. Uma vez violado, este preso passa a ocupar uma posição submissa, humilhado por sua condição "feminina", dominado, discriminado, desprovido de sua honra, responsável, a partir dai, por atividades historicamente conferidas às mulheres, como limpeza das celas e a lavanderia.

Insolitamente, o preso que sobrepujava o outro ao seu poder, garantia sua honra e virilidade de "homem" e, portanto, saia positivado como "macho dominante", apesar da relação homossexual. "O papel ativo na relação lhe confere a posição dominante, reforçando sua honra masculina e sua virilidade uma vez que o outro, o dominado, é socialmente construído como mulher" (TRAMMEL, 2007 apud SILVA; DIAS, 2010, p.2).

Ora, se a força física simbolizava o alicerce do poder pessoal e individual, "a subjugação sexual através da violência era um importante elemento de afirmação desse poder" (SILVA ; DIAS, 2010, p.3).

Com a emergência das facções, a exemplo do Primeiro Comando da Capital Paulista (PCC), houve uma mudança desse paradigma homofóbico de dominação, em consequência dos novos ideais instituídos, que pregavam a luta contra a opressão do Estado e união e solidariedade entre a população carcerária, o que culminou na proibição expressa da violência sexual contra detentos, sendo vedada, entretanto, a restauração da honra masculina dos violentados, que continuaram a ocupar as mais baixas posições nesse universo, desempenhando atividades consideradas "femininas" ou vendendo serviços sexuais, desde que consentidos.

Nesse arquétipo estatuído, os presos homossexuais, independente se ativos ou passivos, são reduzidos a predicativos como "bichas" e sofrem discriminação por esta condição, demonstrando uma "revolução no comportamento do preso: aquilo que antes era símbolo de masculinidade e de virilidade passa agora a expressar exatamente seu oposto, a homossexualidade" (SILVA; DIAS, 2010, p.6). O poder do mais forte fisicamente, é agora suprimido pelo poder da organização, detentora de um potencial intelectual diferenciador, que valoriza a racionalidade e a frieza, através do controle rígido dos seus impulsos e desejos.

Nesse novo *ethos* é mantida a significação do feminino como "fraqueza" e homossexuais passam a ser percebidos como "portadores de uma doença moral, contagiosa, e por isso, precisam ser segregados e excluídos de qualquer contato físico com os demais presos" (ibidem, p.7-8), contaminados, com permissão para trabalhar somente na lavanderia, costura e limpeza das celas, utilizando instrumentos marcados, a fim de evitar o seu contato com os demais presos, sinalizando a violência, coerção e arbitrariedade predominantes neste meio.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conscientes que este ensaio é insuficiente para abordar toda a amplitude do fenômeno homofóbico talhado no sistema prisional brasileiro, buscou-se argumentar, através de alguns recortes contextuais, o formato com que essas violências se manifestam e se multiplicam, percorrendo desde práticas sexuais abusivas, comportamentos discriminatórios, segregação, repulsa, até a privação de acesso aos benefícios auxiliares concedidos para ressocialização dos apenados.

Nessa linha de raciocínio, considerando que o estudo foi traçado em prisões que abrigam masculinos compelidos a coexistir por longos períodos de tempo, percebe-se uma cultura da homofobia estruturada por valores sociais discriminatórios, historicamente constituídas e abertamente reproduzidas a partir da percepção de inferioridade rudemente conferida ao feminino e de virilidade positivada ao masculino, bem como por aquelas forjadas na avidez de legitimação do poder dominante característico daquele meio, signo de assalto à dignidade humana, repulsa e desestima à homossexualidade em suas múltiplas dimensões.

Diante do que foi apresentado, propõe-se a realização de novos estudos, mais aprofundados e, possivelmente, com uma amostra ampliada, que fomentem reflexões diversas

envolvendo o compromisso ético e o apreço a universalidade dos direitos humanos em nossa sociedade, para além das barreiras classificatórias de gênero, discutindo e questionando a trajetória da homofobia nas prisões brasileiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília**, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acessado em: 03 abr. 2018.

_____. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – Infopen**, junho de 2014. Brasília: Ministério da Justiça, 2014. Disponível em: http://goo.gl/rcvRXX. Acessado em: 04 abr. 2018.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: **Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf>. Acessado em: 04 abr. 2018.

FERNANDES, Sofia da Costa. **Homofobia**: Percepção dos Discursos Sociais e Experiência de Vitimação de Homossexuais. Jun. 2011. Dissertação de mestrado integrado em Psicologia - área de especialização em Psicologia da Justiça, Universidade do Minho, Braga. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/15862>. Acessado em: 19 mar. 2018.

FERREIRA, Guilherme Gomes; AGUINSKY, Beatriz Gershenson Aguinsky; RODRIGUES, Marcelli Cipriani. A prisão sobre o corpo travesti: gênero, significados sociais e o lusco-fusco do cárcere. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10, 2013. Florianópolis. **Anais Eletrônicos**. Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373151533_ARQUIVO_FazendoGenero-Aprisaosobreocorpotravesti-genero,significadossociaiseolusco-fuscodocarcere.pdf>. Acessado em: 19 mar. 2018.

FREIRE, Lucas; CARDINALI, Daniel. O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n.12, p.37-63, Dez.2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872012000600003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 19 Mar. 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Revista Bagoas**, Rio Grande do Norte, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256>. Acessado em: 05 abr. 2018.

LIRA, Hellen Karine Soares; FERREIRA, Luciana Dantas. Homofobia no Estado Brasileiro: A Utopia da laicidade e do princípio da dignidade humana. In: Congresso Interinstitucional UNISC/URCA, 1, 2017, Rio Grande do Sul. **Anais Eletrônicos**. Rio Grande do Sul: UNISC, 2017. Disponível em: <http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/ppds/article/view/16446>. Acessado em: 19 mar. 2018.

MORAES, Elaine Cristina Gomes de; SOARES, Murilo Cesar. O movimento homossexual no Brasil: construção da identidade, eventos e visibilidade mediática. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v.14, n.26, p.36-44, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1720/1386>. Acessado em: 10/04/2018.

SANTOS, Cíntia Helena dos. **A casa dos homens: passos de uma mulher entre as masculinidades na prisão**. 2013. 98 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/105600>. Acessado em: 19 mar. 2018.

SILVA, Valter Cardoso da; DIAS, Camila Caldeira Nunes. O Corpo como Espaço: a posição dos homossexuais na nova configuração do poder nas prisões paulistas. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 9, 2010. Florianópolis. **Anais Eletrônicos**. Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278277683_ARQUIVO_ocorpocomoespaco.pdf>. Acessado em: 19 mar. 2018.

WEINBERG, George. **Society and the healthy homosexual**. New York: Saint Martin's, 1972.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.9, n.2, p.460-482, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 03 abr. 2018.

ZAMBONI, Marcio. Travestis e Transexuais Privadas de Liberdade: a (des)construção de um Sujeito de Direitos. **Revista Euroamericana de Antropologia**, Salamanca, n.2, p.15-23, jun. 2016. Disponível em: <https://iiacyl.com/2016/07/16/rea-no-2/>. Acessado em: 04 abr. 2018.

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DA ADESÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA AS FAMÍLIAS DO BAIRRO BARRA DO TROMBUDO EM RIO DO SUL

Rosangela Maria Blogoslawski[1]
Michela da Rocha Iop[2]

RESUMO
Os desastres naturais afetam não somente as cidades, mas especialmente as famílias e as comunidades e vão deixando rastros de desemprego, de desesperança, de sofrimento, de desigualdade e exclusão social. Diante dessa realidade, a presente pesquisa buscou mostrar os impactos psicossociais da adesão da Economia Solidária para as famílias do bairro Barra do Trombudo em Rio do Sul. Trata de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório-descritivo, tendo sido usada a entrevista semiestruturada como instrumento para a coleta de dados. A coleta de dados só foi realizada após a aprovação do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa. A análise dos dados foi constituída através dos núcleos de significação e os resultados encontrados apontam que os impactos psicossociais para a comunidade pesquisada, após a prática da economia solidária estão atrelados a uma trajetória de perdas, abandono, mas culminando com esperança e conquistas. Os motivos que levaram essas famílias a aderirem à Economia Solidária estão relacionados ao sofrimento, desemprego, insegurança e senso de abandono pela esfera pública, após enchente ocorrida em 2011. Os pesquisados tiveram suas vidas mudadas através do trabalho na reciclagem, onde conheceram e tiveram acesso aos de cursos de Economia Solidaria. Notou-se que a relevância do trabalho na vida desses sujeitos é imprescindível, implicando diretamente tanto na saúde física, quanto mental dos mesmos. Entende-se que a psicologia social comunitária pode ser vista como importante fundamento teórico-prático para que o uso da Economia Solidária seja mais propagado entre as mais variadas comunidades, contribuindo para possibilitar mais autonomia e independência das pessoas.

Palavras-chave: Catadores. Economia solidária. Psicologia social comunitária.

RESUMEN
Los desastres naturales afectan no sólo a las ciudades, pero especialmente a las familias y las comunidades y van dejando rastros de desempleo, de desesperanza, de sufrimiento, de desigualdad y exclusión social. En este sentido, la presente investigación buscó mostrar los impactos psicosociales de la adhesión de la Economía Solidaria a las familias del barrio Barra do Trombudo en Río del Sur. Trata de una investigación cualitativa, de cuño exploratorio-descriptivo, habiendo sido usada la entrevista semiestructurada como instrumento para la recolección de datos. La recolección de datos sólo fue realizada después de la aprobación del proyecto junto al Comité de Ética en Investigación. El análisis de los datos se constituyó a través de los núcleos de significación y los resultados encontrados apunta que los impactos psicosociales para la comunidad investigada, después de la práctica de la economía solidaria, están vinculados a una trayectoria de pérdidas, abandono, pero culminando con esperanza y conquistas. Los motivos que llevaron a esas familias a adherirse a la Economía Solidaria están relacionados con el sufrimiento, el desempleo, la inseguridad y el sentido del abandono por la esfera pública, después de la inundación ocurrida en 2011. Los encuestados tuvieron sus vidas cambiadas a través del trabajo en el reciclaje, donde conocieron y tuvieron acceso a los de cursos de Economía Solidaria. Se notó que la relevancia del trabajo en la vida de esos sujetos es imprescindible, implicando directamente tanto en la salud física, como mental de los mismos. Se entiende que la psicología social comunitaria puede ser vista como importante fundamento teórico-práctico para que el uso de la Economía Solidaria sea más propagado entre las más variadas comunidades, contribuyendo a posibilitar más autonomía e independencia de las personas.

Palabras-clave: Catadores. Economía solidaria. Psicología social comunitaria.

[1] Bacharel em Psicologia. Unidavi/2018 – E-mail: rosangelablogoslawski@gmail.com
[2] Mestra em Psicologia. Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí – UNIDAVI. E-mail: michela@unidavi.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Social Comunitária pode trazer contribuições para o debate em torno do desenvolvimento sustentável, porque vai tratar com os sujeitos diretamente na sua realidade local com a possibilidade de ver como se deu os processos de socialização, bem como a viabilidade para a melhora da qualidade de vida desses atores sociais. Em espaços coletivos como os da Economia Solidária, compete à Psicologia contribuir para sua organização e gestão, desenvolvendo estruturas e canais de diálogos compatíveis com as necessidades e a cultura dos envolvidos, buscando garantir a organicidade entre as estruturas organizacionais e os sujeitos que delas participam (SANTOS et al., 2016). A partir das considerações acima, expõe-se que este artigo busca apresentar resultados de uma pesquisa que investigou os impactos psicossociais identificados pelas famílias de catadores após adesão à Economia Solidária, entendendo como um processo que se propôs a resgatar a autonomia e dignidade humana, aspectos essenciais para a saúde.

2 A ECONOMIA SOLIDÁRIA

Segundo Mance (1999) a palavra Solidária deriva do vocábulo latino *sólidu*, significando força, união, adquirindo um sentido moral ao vincular-se à ideia da justiça e da união entre as pessoas para o bem comum.

O conceito de Economia Solidária se caracteriza como uma resposta dos trabalhadores às consequências do crescimento desenfreado do capitalismo industrial. Esse movimento surgiu na Inglaterra no século XIX, chegou ao Brasil no final do século XX, mas realmente se intensificou a partir da década de 80 (BITTENCOURT, 2014).

Segundo Eidelwein (2009) o trabalho não significa apenas manutenção e (re) produção das condições materiais de existência, mas também a possibilidade de identidade social e valorização pessoal, assim como possibilidade de inserção social, de reconhecimento e de reconhecer-se como sujeito de sua própria existência no mundo.

Conforme Guareschi e Veronese (2009, p. 96), [...] “uma das formas de mudança em termos de trabalho e sociedade, seria justamente a Economia Solidária, por ser regida na direção de uma lógica oposta à da troca desigual, criando espaços de sociabilidade, produção e comércio em pequena escala, comunitários, buscando a auto sustentabilidade e a cooperação e participação de todos”.

Em 2003, o Governo Federal criou a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego. A SENAES atua como articuladora das políticas federais de apoio a Economia Solidária. Também foi criado o Conselho Nacional de Economia Solidária (CNES), órgão responsável pela interlocução entre governo e sociedade civil que atua em prol da Economia Solidária. Em paralelo a isso surgiu também o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), que fortaleceu ainda mais o movimento e ajudou

a aumentar consideravelmente o número de programas municipais e estaduais de Economia Solidária (SINGER, 2002).

Conforme o Ministério do Trabalho (2018), a forma diferenciada de produzir, vender e gerar renda da Economia Solidária tem ganhado amplitude no Rio Grande do Sul. Dos 20.529 negócios registrados no Cadastro Nacional de Empreendimentos Econômicos Solidários do Ministério do Trabalho (Cadsol), 1.690 são do Rio Grande do Sul.

A busca de maior protagonismo para trabalhadores (as) e cidadãos (as) no cotidiano é parte dos processos de subjetivação num sentido empoderador e emancipatório, entendendo essa última instância como a possibilidade de criar formas mais solidárias de vida; não num sentido único a classe trabalhadora como um todo a libertar-se da exploração, mas em muitos e diversos sentidos (GUARESCHI; VERONESE, 2009).

Assim, conforme Kanan (2011), promover a efetiva autonomia, o enriquecimento de aspectos essenciais à vivência e convivência entre as pessoas, a harmonia entre indivíduos e ambiente com vistas à qualidade de vida, ao bem-estar e à criticidade da realidade social são alguns dos aspectos norteadores da Psicologia Social Comunitária com a Economia Solidária, para a emancipação e autonomia dos sujeitos, com o compromisso ético do consumo solidário e com a sustentabilidade ambiental. A interface entre estas duas áreas será discutida a seguir.

2.2. ECONOMIA SOLIDÁRIA E PSICOLOGIA SOCIAL COMUNITÁRIA: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

De acordo com Campos (2009) é de fundamental importância na perspectiva da Psicologia Social Comunitária ter o conhecimento histórico a respeito da vida social dos diferentes grupos sociais e comunitários, relacionando-os com as dimensões locais, regionais e globais. Pode-se assim dizer que a Psicologia Social Comunitária tem um papel importante a cumprir nos trabalhos comunitários nos cotidianos de existência das pessoas e as redes de convivência comunitária que se constroem a partir desse trabalho (CAMPOS, 2009).

Segundo Stella (2014), a Psicologia Comunitária elegeu a comunidade, e ou os fenômenos comunitários como objeto de seu estudo e intervenção e como ponto de partida o homem como ser social e histórico. É baseada nos modelos de mudança social e desenvolvimento humano, nas alternativas sociopolíticas e de emancipação do indivíduo.

De acordo com Sawaia (2004), dados os aportes da Psicologia comunitária, a atuação comunitário-libertadora, mais do que as duas primeiras, pode dar corpo ao intento de ampliar vínculos familiares e comunitários sob o prisma da cidadania e da atualização da potência de ação dos atores sociais que compõem a dinâmica comunitária é considerada coconstrutora das ações que são desenvolvidas pelo psicólogo e pela equipe multiprofissional com a qual este venha a trabalhar. Dessa forma, tais atores participam ativamente do seu planejamento, da sua

execução, da sua avaliação e do seu aprimoramento.

Santos et al. (2016) ainda afirmam que a Psicologia, ao se inserir no contexto da Economia Solidária, deve visar o desenvolvimento da solidariedade e da autonomia, buscando ressignificar a identidade do trabalhador e do cooperado, fortalecendo desse modo o vínculo grupal, buscando o desenvolvimento da consciência crítica, da ética, da solidariedade e das práticas cooperativas autogestionárias, a partir da análise dos problemas encontrados no cotidiano da comunidade.

2.3 CARITAS

A Caritas Brasileira é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural (CNBB, 2013).

A entidade possui 170 entidades-membro em todo o Brasil, atua em 12 regionais: Ceará, Maranhão, Minas Gerais, Nordeste II (AL, PB, PE, RN), Nordeste III (BA, SE), Norte II (AP, PA), Piauí, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Espírito Santo, Norte I(Amazonas). Em Santa Catarina são nove Entidades membro: Blumenau, Criciúma, Chapecó, Caçador, Florianópolis, Joinville, Lages, Rio do Sul e Tubarão (CNBB, 2013).

Algumas das ações e focos de atuação da Caritas: Catadores e Catadoras de Recicláveis - Centro de Acolhida a Refugiados - Economia Popular Solidária - Gestão de Riscos e Emergências - Programa Infância, Adolescência e Juventude (PIAJ) e Segurança Alimentar e Nutricional.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, cuja modalidade é descritiva e exploratória. A pesquisa qualitativa, segundo Blogoslawski, Fachini e Faveri (2010), é a maneira que se utiliza para descrever acerca de um determinado problema ou hipótese, estudando a interação de determinadas variáveis, de forma a compreender e classificar processos dinâmicos experienciados por grupos sociais. A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes (GODOY, 1995).

3.1 PARTICIPANTES DO ESTUDO

A pesquisa foi realizada com os catadores da Associação de Catadores do bairro Barra do Trombudo, no município de Rio do Sul do Alto Vale do Itajaí – SC. O número de entrevistados

não foi delimitado, visto que foi utilizado o critério de saturação. Segundo Sá (1998), costuma-se empregar este critério para chegar a um número limite, não estipulado previamente no decorrer da pesquisa. Quando os argumentos e os termos começam a se repetir, indica que entrevistar uma quantidade maior de outros indivíduos, pouco acrescentaria de relevante ao conteúdo da representação. É possível realizar mais algumas entrevistas e parar.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este tópico tem como objetivo apresentar as informações obtidas e constituídas durante a coleta de dados, realizada por meio de entrevistas, transcritas e organizadas de forma a analisar os dados fornecidos pelos pesquisados. Assim sendo, é necessário e relevante considerar que as reflexões e tensões trazidas a seguir são significativas no sentido de compreender os impactos psicossociais identificados pelas famílias de catadores após adesão à Economia Solidária, objetivo principal desta pesquisa.

Será exposto, a seguir, um quadro sintetizando as principais informações dos seis entrevistados, identificados por nomes fictícios.

Quadro 1 - Principais informações dos entrevistados.

N	NOME	IDADE	PROFISSÃO
1.	Cravo	53 anos	Catador, pedreiro e administrador da reciclagem
2.	Rosa	53 anos	Diarista, serviços gerais e catadora
3.	Margarida	55 anos	Diarista e catadora
4.	Girassol	34 anos	Catadora e serviços gerais
5.	Tulipa	27 anos	Catadora e serviços gerais
6.	Violeta	23 anos	Costureira, catadora e serviços gerais.

Fonte: Elementos constituídos à partir das entrevistas realizadas com os catadores.

A pesquisa foi norteada pelos preceitos éticos, conforme a resolução 510/16, de acordo com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Só após a aprovação pelo Comitê de Ética entrou-se em contato com os pesquisados. A adesão dos catadores foi boa, apesar de algumas pessoas indicadas como importantes para essa entrevista não estarem mais residindo nesta cidade. A aplicação das entrevistas foi realizada de forma individual, na casa dos entrevistados, a fim de facilitar para os mesmos.

A partir das informações obtidas nas entrevistas e indo ao encontro dos objetivos propostos pela pesquisa, foram estruturados os núcleos de significação e um subnúcleo, conforme consta abaixo:

Quadro 2 – Estrutura dos Núcleos e Subnúcleos.

NÚCLEOS	SUBNÚCLEOS	TEMAS
A condição humana de vida antes da Economia Solidária	-	O desemprego e a insegurança diante da exclusão social.

(In)visibilidade Social	-	As perdas, as necessidades psicológicas e a busca por segurança e dignidade através do trabalho.
Unidos para novas possibilidades: a reciclagem como esperança familiar.	- Reciclagem - Família e trabalho	O trabalho é um espaço privilegiado de constituição do sujeito.
Conquistas: Mudanças ocorridas	-	Reciclagem, geração de trabalho, renda e inserção social.

Fonte: Elementos constituídos a partir das entrevistas realizadas com os catadores.

Em algumas das falas dos entrevistados aqui trazidas serão observados erros gramaticais, no entanto, esses foram preservados a fim de manter a fidelidade às gravações, respeitando dessa maneira, a expressão do pesquisado.

4.1 NÚCLEO 1 - A CONDIÇÃO HUMANA DE VIDA ANTES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Este núcleo se constitui de algumas das dificuldades vividas pelos entrevistados que residem nas margens do Rio Itajaí Açú, na localidade da Barra do Trombudo em Rio do Sul/SC, um espaço de vida no qual esses atores sociais passaram a sofrer com os processos de socialização mediante o abandono em todos os sentidos, abandonadas pela esfera pública, sem condições econômicas e com pouco ou quase nenhum capital cultural. Nessa condição de vida a maioria sofreu com o desemprego e a insegurança diante da exclusão social em que viviam. Contudo, a desesperança se agravou mediante as enchentes ocorridas em 2011, as quais assolaram o Alto Vale do Itajaí, deixando-os profundamente abalados com futuro incerto que assombrava a vida de inúmeras famílias daquela comunidade.

A exclusão social concretiza-se na segregação ao acesso a direitos básicos para certos grupos ou indivíduos de uma sociedade. Segundo Rodrigues (2018), a ideia de exclusão social é geralmente usada em referência a uma forma específica de desigualdade. Ela diz respeito às formas pelas quais um indivíduo ou um grupo de indivíduos acabam sendo separados do convívio com o restante da sociedade.

Na sequência, as falas dos entrevistados demonstram a insegurança com futuro incerto pelas condições de desemprego e desesperança em que viviam.

"Antigamente eu trabalhava de pedreiro, mas antes da enchente de 2011 eu tava desempregado uns meses já, era complicado porque assim a vida era difícil sem trabalhar a gente vive desanimado, ai veio a enchente e complicou tudo, perdemos tudo, nossa esse foi um tempo difícil" (Cravo).

> *"...eu o meu marido a gente tava desempregado um bom tempo já, eu cuidadava do meu neto porque ele mora comigo. Essa foi uma época difícil porque nós dois não tinha trabalho e eu ainda estava com o tornozelo machucado, ai depois veio a enchente grande de 2011 e foram muitas as dificuldades, a gente ali passando*

> *necessidade sem emprego e sem esperança."*(Rosa).

> *"Um tempo eu trabalhava de diarista, criei meus filhos tudo como diarista, mas estava desempregada um bom tempo já e a vida não tava fácil, ai quando deu a enchente de 2011 e minha casa caiu e foi levada pela enchente, fiquei muito doente com depressão, o desespero tomou conta de mim, não tinha mais esperança em nada"*(Margarida).

Segundo Iop et. al (2017), enchentes são eventos que ultrapassam as dimensões ambientais, materiais e econômicas, repercutindo também nos aspectos psicológicos e sociais. Prejuízos emocionais, perdas das mais diversas e a necessidade de reestruturações do cotidiano, do trabalho e das relações sociais são algumas das consequências vividas pelas pessoas que sofrem com as enchentes, sejam as que perdem suas casas, os seus familiares, ou as equipes profissionais que trabalham junto às comunidades atingidas.

Diante dos relatos, verifica-se que os efeitos psicológicos do desemprego mais comuns são a depressão e a desesperança. Okino e Cavalcante (2010, p. 9) afirmam que "o desemprego é de maneira geral traumático, pois não se restringe apenas à perda de rendimentos e poder de consumo, mas gera o sentimento de exclusão social". Além disso, com a perda do emprego, o indivíduo perde a capacidade de manutenção de suas necessidades básicas. Por isso, os efeitos do desemprego podem ser percebidos no âmbito psicológico, social e físico (OKINO; CAVALCANTE, 2010).

O que foi constatado no discurso manifesto das entrevistas é que as perdas, mencionadas na fala desses sujeitos, mostraram o quanto o desemprego e as enchentes os fizeram sucumbir ainda mais à pobreza e à exclusão social. Não perderam somente bens materiais, perderam também a identidade e quando as águas da enchente carregaram suas casas, levaram junto sua esperança, pois os mesmos sentiram-se abandonados à própria sorte.

4.2 NÚCLEO 2 – (IN)VISIBILIDADE SOCIAL

Tomás (2012) constitui o conceito de invisibilidade social como uma realidade simbólica cujo imaginário nos transporta para lugares sombrios e tristes e o sentido deste conceito não é limitado, pelo contrário conduz a diversos sentimentos como a vulnerabilidade ou a subversão. Pode-se igualmente afirmar que a invisibilidade se faz sentir tanto a nível coletivo e social como a nível individual e psicológico. Para a autora, […] "o sentimento de invisibilidade é, paradoxalmente, particular à época contemporânea da hiper-visualização na qual ser visível é quase uma obrigatoriedade. Neste contexto, a ocultação do outro constitui uma alteridade invisível" (TOMÁS, 2012, p. 02).

> *"... a prefeitura nunca olhou para nós lá, para aquele lado da cidade. Dava enchente a gente tinha que se virar, ninguém olhava por aquela comunidade lá"* (Tulipa).

As famílias perderam não apenas suas casas e seus bens materiais, mas também

necessidades psicológicas por elas supridas, como segurança, intimidade e dignidade. Segundo Gomes e Cavalcante (2012), as posturas diante do evento de não procurar ajuda e enaltecer o auxílio recebido como um favor reflete a falta de informação das comunidades mais pobres, que desconhecem onde procurar a assistência adequada, bem como não conseguem identificar com clareza quais são as obrigações do Poder Público frente à ocorrência de um desastre.

> *"Quando em 2011 todo mundo aqui perdeu tudo na enchente, as únicas pessoas que nos ajudaram aqui foram às irmãs e a irmã C. das Caritas".* (Cravo).

> *"Minha casa caiu e foi levada pela enchente, fiquei muito doente e não me animava com nada ai quando surgiu essas irmãs das Caritas na minha vida, elas começaram a me ajudar, elas vinham aqui em casa, vinham ali na cama onde eu estava, me animavam..."* (Margarida).

Segundo Singer (2001), o pobre não tem esperança no futuro, antes teme o amanhã, pois uma avaliação realista de suas possibilidades de melhorar não lhe permite otimismo. As pessoas se ajudam mutuamente, porque se hoje têm condições de dar, é provável que amanhã vá precisar que alguém lhe dê. Entre os pobres, a cultura da solidariedade se desenvolve 'naturalmente'.

> *"... o pessoal da defesa civil começou a olhar um pouco mais para esse lado, porque a gente era excluído, e por causa das Caritas eles agora ajudam com abrigo para o pessoal e tirar as coisas das casas"* (Cravo).

De acordo com Gomes e Cavalcante (2012), no pós-desastre natural, as vítimas da enchente, ao construírem dispositivos de enfrentamento das perdas, necessitam desenvolver a capacidade de se acomodar e reequilibrar para superação do momento de crise, ou seja, esta é uma experiência vivenciada de forma resiliente.

Segundo Guareschi (2004), a vulnerabilidade social é uma condição de desvantagem perante o acesso às situações de promoção e garantia dos direitos de cidadania de determinada população. E um aspecto importante na concepção de vulnerabilidade social é que "ela se constitui como um produto negativo da relação entre recursos simbólicos e materiais, de indivíduos ou grupos, e o acesso a oportunidades" (BOTELHO et al, 2017, p. 05).

> *"... a gente tava limpando as coisas que sobraram da enchente e as irmãs das Caritas vieram trazer aqueles kits de material de limpeza para ajudar as pessoas da comunidade. Ai elas ficaram ali um tempo conversando, dai depois elas voltaram e não deixaram mais a gente se sentir sozinho de novo..."* (Rosa).

Um aspecto importante nas falas dos entrevistados relaciona-se com o fato de se sentirem a margem da sociedade, os problemas e a existência deles parecia não ter importância e com isso foram perdendo o sentido e o valor da dignidade de ser humano parecendo invisíveis para sociedade em que vivem.

A invisibilidade social, o sentimento de abandono gerou diversos problemas psicológicos como ressentimento dos grupos de referência, ansiedade e desvalor. No entanto quando um determinado grupo os acolheu e olhou com humanidade suas dores e sofrimentos, o sentimento de abandono foi sendo substituído pela esperança.

4.3 NÚCLEO 3 - UNIDOS PARA NOVAS POSSIBILIDADES: A RECICLAGEM COMO ESPERANÇA FAMILIAR

Diante da exclusão social vivida durante muito tempo por essa comunidade, pensar em uma nova possibilidade de trabalho, algo novo em que eles mesmos seriam responsáveis por fazer acontecer, lhes deu novamente esperança. Essa nova possibilidade de vida no trabalho foi motivada e orientada por voluntárias da Caritas diocesana.

> *"... tudo valeu a pena porque ajudou muito porque na época eu estava sem chão e sem rumo, deu esperança de novo pra nós. Conseguimos reconquistar tudo o que a gente queria"* (Tulipa).

Segundo Cavaco et al. (2010), a esperança apresenta, na vida humana, um papel primordial, sendo vivida de forma pessoal e única, apesar da influência do ambiente. A pessoa tem necessidade de alcançar um significado para a vida, tanto a nível do seu cotidiano, como em situações de crise.

> *"... pra mim a catação era bem sacrificosa, mas ela traz dinheiro todos os dias dai né. Com a catação ficou bem mais fácil, porque você tem aquele dinheirinho na mão todos os dias né, é ótimo para alimentar os filhos e comprar o leite o pão, banana que é todos os dias que precisa"* (Margarida).

De acordo com Guerra (2012), a inclusão ilustra uma nova etapa assente na aceitação e valorização da diversidade, na cooperação entre diferentes e na aprendizagem da multiplicidade; um processo através do qual a sociedade, nas suas mais diversas dimensões, se adapta de forma a poder incluir todos os indivíduos que, por sua vez, se preparam para desempenhar um ou vários papéis nessa sociedade.

> *"No início do trabalho com a reciclagem não tinha caminhão grande, não tinha prensa, nem jacaré, nem empilhadeira nada para trabalhar. Nós coletava e separava na garagem de casa. Depois a vida foi melhorando e fomos arrumando o lugar e comprando todas essas coisas, que foi facilitando o nosso trabalho"* (Violeta).

A Economia Popular Solidária pode ser entendida como alternativa de atividades econômicas desenvolvidas pela sociedade civil e que tem em seu cerne a solidariedade. Tais atividades não estariam objetivando apenas os fins econômicos, mas, sobretudo, o desenvolvimento social, político e cultural dos envolvidos com tais práticas (FERRAZ;

CAVEDON, 2008).

> *"... ai nós compremos uma prensa pequena, ela deixa o material todo prensado em forma de quadrado, que fica fácil de transportar. Depois todo mundo da família queria prensar o material. (risos). Ai fomos crescendo nesse trabalho com os filhos trabalhando junto"* (Rosa).

O trabalho é um espaço privilegiado de constituição do sujeito. Em razão disso, segundo Kanan (2011), nesse espaço coexistem relações e experiências que caracterizam e constituem a vida no sentido coletivo, a partir da singularidade de cada um dos sujeitos que dela fazem parte. Os defensores da Economia Solidária propõem que, por meio do trabalho sustentado por esse modelo, as pessoas podem construir identidades sociais, usufruir inserção e valorização pessoal, consumir de acordo com suas necessidades e se reconhecerem como sujeitos de sua própria existência.

4.3.1 Subnúcleo - Reciclagem

A reciclagem é o processo no qual resíduos de produtos que já foram consumidos e objetos que seriam descartados no meio ambiente, por serem considerados inutilizáveis, são reinseridos no ciclo produtivo através da sua utilização como matéria-prima para a fabricação de novos produtos (LOMASSO et al., 2015).

De acordo com Mota (2017), o segmento social dos catadores de material reciclável integra o cenário urbano, no Brasil, há muito anos, convivendo em espaços espalhados nas pequenas e grandes cidades. De maneira geral, trata-se de pessoas que se inserem nessa atividade por ser a única possível para realizar sua sobrevivência através do trabalho, ou pelo menos aquela mais viável, no contexto das necessidades imediatas, como alternativa às restrições que lhes são infringidas pela dinâmica do mercado de trabalho.

> *"Nós coletava e separava na garagem de casa. Depois a vida foi melhorando e fomos arrumando o lugar e comprando todas essas coisas, que foi facilitando o nosso trabalho. Tudo melhorou depois disso, nossa família toda trabalhava na reciclagem"* (Tulipa).

Na essência dos propósitos da Economia Solidária há a intenção de transformação das relações econômicas, de maneira que passem a ser sustentadas por princípios e postulados determinados pela cooperação, solidariedade e inclusão, o que concorre para o estabelecimento de novas relações sociais de produção (SINGER, 2001).

> *"Houve alguns cursos que eles vinham dar lá na reciclagem, como de cuidados no lidar com a reciclagem, o uso de luvas, e o que precisasse para fazer o trabalho de catação"* (Rosa).

Do mesmo modo, Kanan (2011) afirma que nas organizações de Economia Solidária essas iniciativas carregam em seu propósito a possibilidade de estabelecimento do processo de vinculação entre o sujeito, seu trabalho e a organização. Ainda proporcionam aos sujeitos que nelas trabalham a capacitação para a participação e para o próprio trabalho.

> *"Então para poder ter valor no material tivemos que aprender a separar direitinho e veio uma pessoa aqui ensinar a gente como fazer. Foi bom aprender, mas se você não tem de ter amor no que faz se não gostar nem adianta!* (Rosa).

> *"Então para poder ter valor no material tivemos que aprender a separar direitinho e veio uma pessoa aqui ensinar a gente como fazer. Foi bom aprender, mas se você não tem de ter amor no que faz se não gostar nem adianta!* (Cravo).

Para enfrentar essa dura realidade de pobreza e exclusão social, segundo Mota (2017, p. 230), "um contingente considerável de catadores, envolvidos em diferentes elos da cadeia da reciclagem, tem buscado se organizar mediante diferentes estratégias de ação coletiva".

4.3.2 Subnúcleo – Família e trabalho

A reciclagem não é caracterizada apenas por benefícios econômicos. Segundo Mota (2017), nos últimos anos, com a importância que vem tomando a temática ambiental em todo o mundo, esse setor se fortaleceu ainda mais na opinião pública.

No que se refere aos empreendimentos coletivos compostos por catadores de material reciclável, há uma série de fatores que condiciona diretamente seu potencial econômico, fatores estes que vão muito além das características inerentes à cadeia de valor da reciclagem (MOTA, 2017).

> *"...eu me sentia realizada com a família inteira trabalhando junto, todo mundo tirando o sustento dali da reciclagem"* (Rosa).

A esperança desses atores sociais por dias melhores através do trabalho na reciclagem é observada nos depoimentos de todos. A importância de trabalharem junto à família é o primeiro passo para se chegar e interagir na realidade social. É preciso que as Políticas Públicas sociais e as leis entendam a família como um 'sujeito de direitos', atendendo os seus aspectos afetivos, sociais e materiais.

4.4 NÚCLEO 4 – CONQUISTAS: MUDANÇAS OCORRIDAS

Barfknecht et al. apud Santos (2016) consideram que ao longo da história, as relações dos homens e as mulheres com o trabalho passaram por transformações vinculadas às mudanças dos processos de produção. Assim, desde a pré-história, onde o trabalho era realizado pela

busca da sobrevivência grupal, até a atualidade ocorrem mudanças na organização e no sentido do trabalho.

> *"... ai começou a entrar um bom dinheiro e nós pudemos comprar as coisinhas novas pra nossa casa eu via meus filhos comprando de novo as coisas pra casa deles, comprando um carro, vivendo melhor"* (Rosa).

> *"A reciclagem abriu um espaço de trabalho para aquelas pessoas que moravam ali, alguns vinham trabalhavam um mês, quinze dias, alguns ficaram mais tempo trabalhando. Algumas mulheres da comunidade trabalharam muito tempo ali na reciclagem"* (Tulipa).

Para Santos (2016, p. 51), a Economia Solidária "busca resultados que contemplem qualidade de vida em um nível macro, ou seja, o valor central define-se pelo saber, a criatividade e qualidade das relações que ali se estabelecem", também é compreendida como uma forma onde as relações não são vistas pelo capital dinheiro, mas, sim, pela valorização, cooperação e preservação tanto dos sujeitos, quanto da sociedade e das questões relacionadas à sustentabilidade.

> *"... eu e o meu marido, conseguimos comprar um lugar para construir nossa casa, não está pronta ainda, mas até novembro quero me mudar, a gente conseguimos comprar um carro e os móveis pra dentro de casa"* (Tulipa).

Os trabalhadores da reciclagem, segundo Mota (2017), vivem, em sua maioria, no limite de suas necessidades básicas, e contam apenas com a renda de seu trabalho para manter a si e suas famílias. Santos (2016) afirma que embora muitos encontrem na Economia Solidária uma fonte de renda transitória e passageira, outros veem nela um modelo identificatório, não só de geração de trabalho e renda, mas de inserção social.

> *"... depois que foi aberto esse depósito de reciclagem ali, a vida ficou melhor, sempre tinha trabalho para as pessoas aqui da comunidade. O Cravo sempre nos ajudando nas enchentes e também temos ajuda das pessoas da Caritas. Tenho só a agradecer porque pra mim foi muito bom"* (Margarida).

Segundo Zanelli apud Kanan (2011, p. 614), "[…] o trabalho é um espaço privilegiado de constituição do sujeito". É uma a categoria central no desenvolvimento do autoconceito e uma fonte de autoestima nesse espaço, coexistem relações e experiências que caracterizam e constituem a vida no sentido coletivo, a partir da singularidade de cada um dos sujeitos que dela fazem parte.

> *"Quem realmente trabalhava e se dedicava conseguiu melhorar um pouco sua vida. A reciclagem sempre deu trabalho pra várias pessoas da comunidade, pra quem quisesse trabalhar, o pai sempre dava um jeito de arrumar uma vaga"* (Tulipa).

Mance (1999) afirma que o objetivo da colaboração solidária é garantir a todas as

pessoas as melhores condições materiais, políticas, educativas e informacionais para o exercício de sua liberdade, promovendo assim o bem-viver de todos e de cada um.

> *"Ali perto da reciclagem, todos que queriam trabalhar, seu Cravo dava trabalho, houve um tempo que haviam muitas pessoas trabalhando na reciclagem, eles sempre podiam ter um dinheirinho quando estavam com dificuldades"* (Violeta).

Percebe-se, através dos depoimentos, a importância que a Economia Solidária teve na vida desses sujeitos, possibilitando aos mesmos novas conquistas. Foi o verdadeiro agente de mudança, privilegiando o valor e a capacidade para inovar e empreender desses grupos sociais. Valores como cooperação, partilha, reciprocidade e solidariedade foram uma constante na fala dos mesmos, pois como percebido, o objetivo da Economia Solidária é dar autonomia às pessoas, grupos e comunidade para agirem em seu próprio benefício, tornando-os independentes e autossuficientes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como base analisar sob a ótica da Psicologia Social Comunitária a questão dos impactos psicossociais da Economia Solidária para as famílias do bairro Barra do Trombudo em Rio do Sul. O objetivo foi analisar quais foram esses impactos nas relações de mudança de vida no trabalho, na família e inserção social dessas famílias.

O primeiro impacto fala **da condição humana** de vida antes da Economia Solidária, a qual se constituía em algumas das dificuldades vividas pelos entrevistados que residem nas margens do Rio Itajaí Açú, na localidade da Barra do Trombudo em Rio do Sul/SC, um espaço de vida no qual esses atores sociais passaram a sofrer com os processos de socialização mediante o abandono em todos os sentidos, como o desemprego e a insegurança diante da exclusão social. Tudo se agravou com as cheias ocorridas em 2011, as quais assolaram o Alto Vale do Itajaí. O que foi constatado no discurso manifesto das entrevistas é que as perdas, mencionadas na fala desses sujeitos, mostraram o quanto o desemprego e as enchentes os fizeram sucumbir ainda mais à pobreza e à exclusão social. Não perderam somente bens materiais, perderam também a identidade e quando as águas da enchente carregaram suas casas, levaram junto sua esperança, pois os mesmos sentiram-se abandonados à própria sorte.

No que tange ao segundo impacto, exposto no núcleo que aborda a **(in)visibilidade** social vivida por essa comunidade, o sentimento de abandono gerou diversos problemas psicológicos, como ressentimento dos grupos de referência, ansiedade e desvalor e, por consequência, as perdas, as necessidades psicológicas e a busca por segurança e dignidade através do trabalho. Um aspecto importante nas falas dos entrevistados relaciona-se com o fato de se sentirem a margem da sociedade, parecendo que seus problemas e a existência deles não tinha importância e com isso foram perdendo o sentido e o valor da dignidade de ser humano.

Outro impacto observado está no senso de união e abertura para novas possibilidades

e **a reciclagem** como esperança familiar. Diante da exclusão social vivida durante muito tempo por essa comunidade, pensar em uma nova possibilidade de trabalho, motivada e orientada por voluntárias da Caritas diocesana, em algo novo em que eles mesmos - os atores e responsáveis por fazer acontecer -, deu-lhes novamente esperança. Essa esperança em dias melhores através do trabalho na reciclagem é observada nos depoimentos de todos. A importância de trabalharem junto à família é o primeiro passo para se chegar e interagir na realidade social. Neste sentido, destaca-se que é preciso que as Políticas Públicas sociais e as leis entendam a família como um 'sujeito de direitos', atendendo os seus aspectos afetivos, sociais e materiais.

No que tange ao último impacto constatado, aparecem as **conquistas e as mudanças** ocorridas com a prática da Economia Solidária, apontando a reciclagem como geração de trabalho, renda e inserção social. Sabe-se da importância do trabalho na vida dessas famílias e que implicou diretamente tanto na saúde física, quanto mental dos mesmos. Percebe-se, através dos depoimentos, a importância que a Economia Solidária teve na vida desses sujeitos, sendo relevante agente de mudança, privilegiando o valor e a capacidade para inovar e empreender desses grupos sociais.

O tema desse estudo apareceu pela questão das inundações, evento que é recorrente na região do Vale do Itajaí e que demanda um olhar atento e crítico por parte de toda a sociedade e da Psicologia Social Comunitária. E, definitivamente, são nesses momentos de crise que o psicólogo deverá procurar contribuir para que a pessoas afetadas compreendam o que está se passando, fazendo uso da intervenção explicativa para que entendam o que está acontecendo. Segundo Coelho (2011), essa narrativa é uma possibilidade de intervenção que o psicólogo pode se valer para que se reinicie não só um processo de compreensão, como também de reorganização das emoções, além de potencializar as capacidades para o enfrentamento e reação das pessoas afetadas diante de situações excepcionais.

Do mesmo modo outro recurso importante é a elaboração, juntamente com o afetado ou o grupo de afetados, de um plano de ação para a superação das dificuldades explorando recursos do próprio afetado e de sua comunidade. Assim, a comunidade atingida pode perceber que a vida não parou e ainda sentirem-se ativos, participando do processo de restabelecimento da normalidade, que em muitos casos, é uma nova realidade (COELHO 2011).

Veronese (2003) ressalta que a vivência de relações de trabalho cooperativo-solidárias e a inserção em redes comunitárias de aprendizado podem propiciar formas de educação conjunta e crítica, possibilitando à psicologia auxiliar o sujeito não só a lidar com o seu contexto, mas a questionar e a transformar o próprio contexto. Além disso, num ambiente que tem por base o trabalho grupal, a cooperação e a solidariedade, a psicologia pode fornecer um grande suporte no trabalho de aspectos que objetivem fortalecer o vínculo grupal e as relações interpessoais.

Tendo em vista que a Economia Solidária pressupõe novas formas de produção, de relação e de vida no trabalho, considera-se que a psicologia deve buscar cada vez mais, se inserir neste campo a fim de que seus saberes teóricos e práticos possam contribuir efetivamente para uma sociedade mais justa e igualitária (SANTOS; OLIVEIRA, 2015).

Diante da pesquisa aqui apresentada, observa-se que esse tema tem muito mais a ser abordado, pois ainda pode ser bem mais aprofundado. O assunto Economia Solidária pode ser ainda mais pesquisado com outros grupos sociais que aderiram à mesma, grupos que se encontram à margem de uma série de serviços e direitos sociais, pois a experiência de trabalho no campo dos empreendimentos da Economia Solidária tem muito ainda a ensinar.

Portanto, foi percebido que a psicologia precisa se fazer mais presente nessa área da Economia Solidária, a fim de que seus saberes teóricos e práticos possam contribuir com novas alternativas para construção e mudança na realidade social dessas comunidades.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Tatiana. Entendendo a Economia Solidária. Portal Nossa Causa. Maio, 2014. Curitiba. Disponível em: <http://nossacausa.com/entendendo-a-economia-solidaria>. Acesso em: 06 set. 2017.

BLOGOSLAWSKI, Ilson Paulo Ramos; FACHINI, Olimpio; FAVERI, Helena Justen de. **Educar para pesquisa:** normas para produção de textos científicos. 3. ed. Rio do Sul: NOVA LETRA, 2010.

BOTELHO, Louise de Lira Roede et al. (In)visibilidade social: um estudo a partir da fenomenologia social acerca do trabalho dos catadores de materiais recicláveis no município de Cerro Largo/RS. In: VIII Simpósio Iberoamericano em Comércio Internacional, Desenvolvimento e Integração Regional, 2017, Cerro Largo. Anais do VIII Simpósio Iberoamericano em Comércio Internacional, Desenvolvimento e Integração Regional, 2017.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Psicologia Social Comunitária: Da Solidariedade à Autonomia. Petrópolis: Vozes. 2009.

CARITAS BRASILEIRA. Site official da CNBB. Brasília/DF. 2013. Disponível em: <http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico>. Acesso em: 16 out. 2017.

CAVACO, Vera Sofia Joaquim et al. Qual o papel da esperança na saúde da pessoa? Revisão Sistemática. Revista Referência II. n° 12. p.93-103. 2010.

FERRAZ, Deise Luiza da Silva; CAVEDON, Neusa Rolita . A exclusão e a inclusão social: depoimentos das praticantes da economia popular solidária. Cadernos EBAPE – BR. v. 6, n. 4, Dez. 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29, Mai./Jun. 1995.

GOMES, Erika Ravena Batista; CAVALCANTE, Ana Célia Sousa. Desastres naturais: perdas e reações psicológicas de vítimas de enchente em teresina-PI. Psicologia & Sociedade, v.24, n.3, p. 720-728, 2012.

GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Psicologia social crítica. Porto alegre. Edipucrs. 2004.

GUARESCHI, Pedrinho Arcides; VERONESE, Marília Veríssimo. Porque trabalhar com economia solidária na psicologia social. Revista Psico. v. 40, n. 1, p. 94-101, jan./mar. 2009.

GUERRA, Paula. Da exclusão social à inclusão social: eixos de uma mudança paradigmática. Revista Angolana de Sociologia. 2012. Disponível em:<https://journals.openedition.org/ras/257>. Acesso em: 07 de out. 2018.

IOP, Michela da Rocha et. al. Depois da última enchente: impactos psicossociais e da percepção de risco nos bairros mais atingidos do município de Rio do Sul. Revista Caminhos, Online, "Humanidades", Rio do Sul, ano 8, (n. 25), 36-50, abr./jun. 2017.

KANAN, Lilia Aparecida. Consumo sustentável e economia solidária: alguns conceitos e contribuições da Psicologia. Fractal, Rev. Psicol. Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 607-624. Dez. 2011.

LOMASSO, Alexandre Lourenço et al. Benefícios e desafios na implementação da reciclagem: um Estudo de caso no centro mineiro de referência em resíduos. Revista Pensar Gestão e Administração, v. 3. n. 2. Jan. 2015.

MANCE, Euclides. A revolução das redes. Petrópolis: Vozes. 1999.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Economia Solidária:** Rio Grande do Sul é o estado com maior número de empreendimentos solidários. Disponível em:<http://trabalho.gov.br/noticias/5679-rio-grande-do-sul-e-o-estado-com-maior-numero-de-empreendimentos-solidarios-no-pais.>. Acesso em: 27 mar. 2018.

MOTA, Rodrigo. Reciclagem e Economia Solidária: análise das dimensões estruturais dos empreendimentos coletivos de catadores no Brasil. POLÍTICA & TRABALHO. **Revista de Ciências Sociais**, nº 46, p. 229-249. Jan/Jun. 2017.

OKINO, Michelle Yumi Felipe; CAVALCANTE Caio César Carvalho. **Desemprego e exclusão social: principios fundamentais em xeque?** Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/cnpp/pgs/anais/Arquivos%20GTS%20-%20recebidos%20em%20PDF/DESEMPREGO%20E%20EXCLUS%C3%83O%20SOCIAL%20PRINCIPIOS%20FUNDAMENTAIS%20EM%20XEQUE.pdf>. Acesso em: 17 set. 2018.

SANTOS, Clarice da Silva; et al. Psicologia e economia solidária: Possíveis intervenções. Diálogo, Canoas, n. 31, abr. 2016.

SANTOS, Joelma Cristina; OLIVEIRA, Benedito Anselmo Martins de. Possibilidades para a Psicologia na Economia Solidária: atuação numa ITCP. Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 372-382, 2015.

SENAES. Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005. Brasília: MTE, 2006.

SAWAIA, Bader (org.). As artimanhas da exclusão. Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social. 2. Edição. Editora Vozes. Petrópolis, 2001.

SINGER, Paul. Economia solidária versus economia capitalista. **Sociedade e Estado**, Brasília, vol. 16 n.1-2, jun/dez, 2001.

SINGER, Paul. **A Economia Solidária no Brasil:** a autogestão como resposta ao desemprego. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

STELLA, Claudia (org.). **Psicologia Comunitária:** contribuições teóricas, encontros e experiências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TOMÁS, Júlia. Colóquio "Crise das Socializações". **A invisibilidade social, uma construção teórica**. CECS – Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade. Universidade do Minho. Abr. 2012.

VERONESE, Marília Veríssimo. **Psicologia social e Economia Solidária.** Ideias & Letras. Aparecida, São Paulo. 2008.

INICIAÇÃO ESPORTIVA SIGNIFICATIVA: O PAPEL DO PROFESSOR

Fernanda Varela Büttner[1]
Carolina Machado de Oliveira[2]

RESUMO

A prática esportiva iniciada na infância promove vários benefícios para a saúde da, aprimorando e desenvolvendo as capacidades naturais adquiridas com o tempo, bem como a socialização, criação de vínculos, amizades, etc. A forma como ocorre esse processo pode alterar de forma significativa o futuro desta criança, bem como sua saúde. Diante disso, o objetivo do presente estudo foi refletir sobre o papel do professor na prática esportiva na infância, em sua relação com os possíveis motivos para o abandono da prática de forma permanente, bem como o impacto disto na vida adulta. Para a realização desta pesquisa, utilizou-se a base de dados *Scielo*, Google acadêmico com varredura teórica por meio das palavras-chave: "iniciação esportiva", "saúde" e "abandono", no período de busca entre 1998 a 2018. Os dados analisados indicam que mesmo que uma criança faça parte de uma equipe esportiva, o lúdico deve prevalecer, principalmente para aquelas que praticam determinado esporte somente por lazer e/ou sem fins competitivos. Cabe ao professor/treinador/técnico, instruir cada criança, a fim de proporcionar ganhos na saúde, bem como buscar um equilíbrio entre a recreação e a competição. Práticas desportivas frustradas na infância podem impactar em um adulto sedentário, pois as experiências prévias do mesmo não foram positivas, com isso a culpabilização disso pode recair sobre o profissional. Quanto mais lúdico e divertida for sua experiência dentro da prática, mais fácil se tornará sua permanência na mesma. Quando se trata do público infantil os profissionais de Educação Física que atuam nesse meio, num trabalho multiprofissional com a Psicologia do Esporte, devem levar em consideração o gosto que a criança adquiriu com a prática esportiva, criando estratégias de motivação para a permanência dela no esporte. Com isso, a iniciação esportiva assume um significativo papel de desenvolvimento social, fisiológico e psíquico da criança, tornando a prática esportiva mais prazerosa e saudável.

Palavras-chave: Iniciação esportiva. Saúde. Abandono.

ABSTRACT

The sports practice started in childhood promotes several health benefits by improving and developing the natural abilities acquired over time, as well as socialization, bonding, friendships, etc. The way this process occurs can significantly alter this child's future as well as their health. Therefore, the objective of the present study was to reflect on the role of the teacher in the sports practice in childhood, its relationship with the possible reasons for abandoning the practice permanently, as well as the impact of this in adult life. In order to carry out this research, we used the Scielo, Google academic database with theoretical scanning through the keywords: "sports initiation", "health" and "abandonment", in the search period between 1998 and 2018. The data analyzed indicate that even if a child is part of a sports team, the play should prevail, especially for those who practice a certain sport only for leisure and / or for non competitive purposes. It is up to the teacher / coach / coach to instruct each child in order to provide health gains as well as strive for a balance between recreation and competition. Frustrated sports practices in childhood can impact on a sedentary adult, since the previous experiences of the same were not positive, with that the culpabilization of this can fall on the professional. The more playful and entertaining your experience in practice, the easier your staying will be. When it comes to the children's audience, the Physical Education professionals who work in this environment, in a multiprofessional work with Sports Psychology, must take into account the taste that the child acquired with the practice of sports, creating strategies of motivation for the permanence of it in the sport . With this, sports initiation assumes a significant role of social, physiological and psychic development of the child, making sports practice more pleasurable and healthy.

Keywords: Sports initiation. Cheers. Abandonment.

[1] Acadêmica do Curso de Educação Fisica Bacharelado - Unidavi. E-mail: nandabuttner@unidavi.edu.br
[2] Mestre em Educação. Professora Unidavi. E-mail: carolina@unidavi.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Fala-se muito atualmente em "qualidade de vida", mas pouco se aborda o fato de que a maioria dos comportamentos relacionados à pratica esportiva do adulto, é consequência de atitudes similares que ele teve na infância e adolescência. Isso nos faz pensar que para um adulto estabelecer escolhas saudáveis, a infância e adolescência devem ser as fases mais propícias para o estímulo de uma vida saudável (ROMANSINI, 2007).

Segundo Barbosa et al (1998)

> o objetivo principal da prescrição de atividade física na criança e no adolescente é criar o hábito e o interesse pela atividade física, e não treinar visando desempenho. Dessa forma, deve-se priorizar a inclusão da atividade física no cotidiano e valorizar a educação física escolar que estimule a prática de atividade física para toda a vida, de forma agradável e prazerosa, integrando as crianças e não discriminando os menos aptos.

O esporte como fator social é muito ativo na Educação Física, e é uma das formas básicas de preparo das pessoas para a sociedade e para o trabalho, pois envolve a ética, a moral e a ampliação dos laços que podem ser construídos com o passar do tempo (MATVEIÉV, 1986 apud SANTOS, 2005).

A iniciação esportiva depende de inúmeras razões para que sua prática seja continuada e concretizada. Dentre elas a oportunidade e a acessibilidade fazem parte. A forma como o esporte está inserido dentro da sociedade e como ele é trabalhado para que possa atender a todos que estejam dispostos a praticar, deve ser analisado e se dar uma atenção para esses fatos.

2 INICIAÇÃO ESPORTIVA

Quando se fala em iniciação esportiva nota-se a importância de se conhecer o conceito deste termo, pois é de extrema importância entender a sua abrangência para o desenvolvimento da criança (GABARRA; RUBIO; ANGELO, 2009)

Segundo Moreira (2003 p.4)

> A iniciação esportiva é um marco na vida do ser humano. Dependendo desse primeiro contato, um simples empurrão na piscina, por exemplo, pode levar a traumas, assim como uma base motora construída satisfatoriamente pode gerar segurança. Porém, para que os benefícios aconteçam, esta tem que ocorrer levando em consideração a fase de desenvolvimento do iniciante, pois temos que respeitar a necessidade de experiências para a maturação somática e ainda tomar cuidado com traumas e/ou impactos longitudinais nos membros da criança que está em crescimento, uma vez que, nestas, as cargas intensas no sentido longitudinal predispõem a calcificação das cartilagens de crescimento precocemente.

Vários benefícios são notados com a iniciação esportiva desde a infância, pois contribui para o desenvolvimento físico, social e psicológico da criança, tornando-a assim ativa

e saudável, facilitando suas escolhas para se tornar um adulto saudável (GREGÓRIO; SILVA, 2014).

Vários estudos com crianças e adolescentes têm demonstrado o benefício da atividade física no estímulo ao crescimento e desenvolvimento, prevenção da obesidade, incremento da massa óssea, aumento da sensibilidade à insulina, melhora do perfil lipídico, diminuição da pressão arterial, desenvolvimento da socialização e da capacidade de trabalhar em equipe (BRODERICK, 2006; AZEVEDO, 2007 apud ALVES; LIMA, 2008 p.384).

De acordo com Lazzoli (1998 p. 107) et al.,

> Existe associação entre sedentarismo, obesidade e dilipidemias e as crianças obesas provavelmente se tornarão adultos obesos. Dessa forma, criar o hábito de vida ativo na infância e na adolescência poderá reduzir a incidência de obesidade e doenças cardiovasculares na idade adulta. A atividade física também pode exercer outros efeitos benéficos a longo prazo, como aqueles relacionados ao aparelho locomotor.

Para Capitanio (2003) em uma abordagem educativa, o esporte pode ser utilizado como um contexto que disperta o lado crítico da pessoa que o pratica, pois as habilidades técnicas e táticas dão lugar a cooperação, superação e participação, deixando de ser tornar simples praticantes de determinada modalidade esportiva.

Vários métodos são utilizados para se trabalhar com crianças, e o esporte deve ser considerado uma ferramente eficaz nesse sentido, pois além dos benefícios oriundos da prática ele traz valores que podem ser consolidados em outras fases e situações da vida do esportista (SANCHES; RUBIO, 2011).

Mesmo com vários estudos apontando os benefícios da atividade física na infância e adolescência, poucos jovens são considerados ativos. Apesar de todos os efeitos ligados a saúde, a atividade física quando iniciada na infância pode ser sinônimo de um adulto saudável (AZEVEDO, 2008 et al., apud HALLAL et al, 2010).

3 ABANDONO DA PRÁTICA ESPORTIVA

A especialização esportiva precoce é apontada como um grande risco do esporte competitivo durante a iniciação esportiva. A busca incessante pelo prestígio conduz professores e familiares a exporem as crianças a situações de grande exigência e tensão, de treinamentos intensivos e precoces em busca de altos rendimentos (GABARRA, RUBIO, ÂNGELO, 2009 p.5).

Segundo Rubio et al., (2000 apud FECHIO et al., 2012) o lúdico passa a se tornar um treinamento visando a técnica, e a recreação dá lugar a competição, quando crianças são inseridas de forma precoce na realidade dos adultos.

O que caracteriza a especialização esportiva são atividades direcionadas a treinamentos especializados. A criança se “especializa” em um determinado esporte visando a técnica de

seus fundamentos, além dos conhecimentos táticos de apenas um esporte (WHITEHEAD, 1999 apud FECHIO et al., 2012).

A saturação esportiva acontece quando a aplicação do modelo de treinamento e competição dos adultos é levada para as crianças. Ao mesmo tempo em que este modelo as atrai pelo alto nível de competição, outras vezes as afasta por fatores como excesso e rigidez de exigências advindas deste tipo de preparação e competição (TODT et al., 2002 apud FECHIO et al., 2012).

A falta de prazer foi a principal razão para o abandono do esporte em crianças. Além disso, consequências fisiológicas (lesões no joelho, devido à movimentos repetitivos e intensos) e problemas de ordem psicológica.

Entre os motivos do abandono esportivo, os autores destacam os conflitos de interesses, a falta de tempo, os estudos, a falta de sucesso e de habilidades, o estresse competitivo, a falta de diversão, os treinamentos monótonos, problemas com o treinador, a pequena participação nas competições e as lesões (BUTCHER et al., 2002 apud FILHO; GARCIA, 2008 p. 293).

De acordo com Beneli e Montagner (2005), o processo de abadono do esporte no geral se dá devido a vários fatores, dentre eles a competição, onde vencer se torna mais importante que o desenvolvimento em si.

No que diz respeito ao abandono do desporto na adolescência, Gomes (2001, p.34 *apud* JUNIOR, 2003), afirma que "são várias as causas apontadas, sendo referidas como mais freqüentes as seguintes: a) ter outras coisas para fazer; b) a modalidade não era tão boa como pensava; c) a modalidade não era suficientemente divertida; d) queria praticar outra modalidade; e) sentia-se aborrecido; f) não gostava do treinador; g) o treinador era demasiadamente duro".

Em uma análise geral das múltiplas investigações existentes, se conclui que os motivos para abandonar o esporte são múltiplos e variados, destacando os conflitos de interesse, a falta de tempo, a falta de êxito e de habilidades, o estresse competitivo, a falta de diversão, o desgosto com o treinador, o aborrecimento e as lesões (JUNIOR, 2003).

Ainda Becker Jr. (2000, p.63 apud JUNIOR, 2003) explora que "uma parte importante do abandono é devida à figura do treinador, por gerar estresse competitivo, manter o esportista muito tempo no banco, realizar treinamentos aborrecidos, não motivar e não estimular o suficiente".

Sendo assim, no que compete à figura do professor, é de suma importância que este tenha consciência do quanto é decisiva sua influência no processo de permanência ou abandono da prática esportiva. Tem o professor o compromisso não só de formar atletas, mas criar praticas pegaógicas que estimulem a criança a ser um adulto ativo e isso se dá quando as práticas da infância são experiências positivas que deixam lastro para serem eternizadas na vida adulta, ao serem ressignificas por outras.

4 CONCLUSÃO

Cabe ao professor/treinador/técnico, instruir cada criança, a fim de proporcionar ganhos na saúde, bem como buscar um equilíbrio entre a recreação e a competição. Práticas desportivas frustradas na infância podem impactar em um adulto sedentário, pois as experiências prévias do mesmo não foram positivas, com isso a culpabilização disso pode recair sobre o profissional. Quanto mais lúdico e divertida for sua experiência dentro da prática, mais fácil se tornará sua permanência na mesma. Quando se trata do público infantil os profissionais de Educação Física que atuam nesse meio, num trabalho multiprofissional com a Psicologia do Esporte, devem levar em consideração o gosto que a criança adquiriu com a prática esportiva, criando estratégias de motivação para a permanência dela no esporte. Com isso, a iniciação esportiva assume um significativo papel de desenvolvimento social, fisiológico e psíquico da criança, tornando a prática esportiva mais prazerosa e saudável.

REFERÊNCIAS

ALVES, Crésio; LIMA, Renata Villas Boas. Impacto da atividade física e esportes sobre o crescimento e puberdade de crianças e adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria.** São Paulo, v.4, n.26, p. 91-383, 2008.

BARBOSA, Sergio Toledo et al. Atividade física e saúde na infância e adolescência. **Rev. Bras. Med. Esporte**; vol.4; no;4 Niterói July/Aug. 1998.

BENELI, L.M, MONTAGNER, P.C. Intervenções pedagógicas no processo de evasão do basquetebol: possibilidades e conseqüências. *EFDeportes.com,* **Revista Digital**. Buenos Aires, Jul. 2005;10(86).

BRACCO, Mário Maia et al. Atividade Física na infância e adolescência: impacto na saúde pública. **Revista de Ciências Médicas.** Campinas, v.12, n.1, p. 89-97, jan/mar, 2003.

CAPITANIO, Ana Maria. Educação através da prática esportiva: missão possível? **Revista Digital. Buenos Aires**, v. 8, n.58, março, 2003.

DALCASTAGNE, Giovanni; LAMAR, Adolfo Ramos. Iniciação esportiva e sua relação com a saúde de crianças e adolescentes. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL. 5; 2012. Caxias do Sul. Anais. Rio de Janeiro.

FECHIO, Juliane Jellmayer; CICHOWICZ, Fernanda Duarte Alvez; CASTRO, Natália Martins de; ALVES, Hélio. Especialização esportiva precoce: uma revisão. **Revista Digital.** Buenos Aires, v. 17, n. 169, jun/2012.

FILHO, Maurício Gattás Bara; GARCIA, Félix Guillén. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.22, n. 4, p. 293-300, out/dez, 2008.

GABARRA, Letícia Macedo; RUBIO, Kátia; ÂNGELO, Luciana Ferreira. A Psicologia do Esporte na iniciação esportiva infantil. **Revista Psicologia para América Latina.** Buenos Aires, n. 18, nov, 2009

GREGÓRIO, Karla Mello; SILVA, Thaise da. Iniciação esportiva x especialização esportiva precoce: quando iniciar estas práticas? Horizontes – **Revista da Educação. Dourados**, n. 3, v. 2, jan/jun, 2014.

HALLAL, Pedro Curi, et al. Prática de Atividade física em adolescentes brasileiros. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 15, n.2, p. 3035-3042, 2010.

JUNIOR, Dante de Rose. A competição esportiva como fonte de estresse no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.10, n.4, p. 19-26, 2003b.

LAZZOLI, José Kawazoe et al., Atividade física e saúde na infância e adolescência. **Revista Brasileira da Medicina do Esporte.** São Paulo, v.4, n.4, jul/ago, 1998.

MOREIRA, Sandro Marlos. **Pedagogia do esporte e o Karatê-dô**: considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. 2003. 233 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ROMANSINI, Leandro Augusto. **Hábitos de saúde, composição corporal e aptidão física dos participantes da 24º edição dos jogos escolares de Santa Catarina**. 2007. 135f. Dissertação (Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina.

SANCHES, Simone Meyer; RUBIO, Kátia. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.37, n.4, p.825-842, dez, 2011.

PROMOÇÃO DE SAÚDE NA ESCOLA: A EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ADOLESCENTES

Maria Andréia Santiago da Silva[1]
Fátima Aurilane de Aguiar Lima Araripe[2]
Francisco Wagner de Sousa Paula[3]
Germana Costa Paixão[4]
Jones Baroni Ferreira de Menezes[5]

RESUMO
A educação sexual apesar de ser de grande importância, ainda é um tema que possui resistência em ser trabalhado. Nesse contexto, a presente investigação tem como objetivo relatar a produção de paródias durante atividades de educação sexual com os alunos dos anos finais do ensino fundamental II, de uma escola da rede pública municipal de Russas – CE. O estudo baseou-se em um relato de experiência, realizando atividades lúdicas, como roda de conversas, produção de cartazes, debate de vídeos e outras atividades educativas, como produções e apresentações de paródias e teatros. As temáticas abordadas foram: Adolescência e mudanças corporais, infecções sexuais transmissiveis e prevenção, Gravidez na adolescência e métodos contraceptivos, Gênero e abuso sexual. Em todas as atividades os alunos foram participativos e interessados, aproveitando a abordagem de cada tema proposto para sanar suas dúvidas, além de adquirirem conhecimentos sobre assuntos da própria fase por qual estão passando.

Palavras-Chave: Abuso sexual. Gênero. Ludicidade.

ABSTRACT
Although sex education is of great importance, it is still a subject that has resistance to being worked on. In this context, the present research aims to report the production of parodies during sexual education activities with the students of the final years of elementary school II, of a school of the public public network of Russas - CE. The study was based on an experience report, performing play activities such as talks, poster production, video discussion and other educational activities such as productions and parodies and theater presentations. The topics covered were: Adolescence and corporal changes, sexually transmitted infection and prevention, Adolescent pregnancy and contraceptive methods, Gender and sexual abuse. In all the activities, the students were participative and interested, taking advantage of the approach of each theme proposed to solve their doubts, besides acquiring knowledge about subjects of the phase by which they are passing.

Keywords: Sexual abuse. Genre. Ludic.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade, segundo Gomes (2013), trata-se de movimento de construção

[1] Graduanda em Ciências Biológicas a distância. Universidade Estadual do Ceará/Universidade Aberta do Brasil. Russas, Ceará, Brasil. andreia.silva@aluno.uece.br
[2] Mestre. Universidade Estadual do Ceará/Universidade Aberta do Brasil. Fortaleza, Ceará, Brasil. fatima.aurilane@uece.br
[3] Mestre. Universidade Estadual do Ceará/Universidade Aberta do Brasil. Fortaleza, Ceará, Brasil. wagner.paula@uece.br
[4] Mestre. Universidade Estadual do Ceará/Universidade Aberta do Brasil. Fortaleza, Ceará, Brasil. germana.paixao@uece.br
[5] Mestre. Universidade Estadual do Ceará/Universidade Aberta do Brasil. Fortaleza, Ceará, Brasil. jones.baroni@uece.br

influenciadas pelas diversas condições históricas, sociais e culturais. Esse tema, apesar de ser um conteúdo que deve ser abordado pelos professores, ainda sofre resistência, seja pelos próprios alunos, que não sentem-se à vontade para debater sobre isso, com seus professores, bem como os pais, por não aceitarem que a escola discuta sobre isso com seus filhos, porém, muitos desses filhos não possuem diálogo algum sobre sexualidade com seus pais. Contudo, a escola é local de formação técnico-científico, além do social, assim, esses adolescentes necessitam de uma orientação sobre sexualidade, não podendo ser apenas comentada em aulas específicas e pontuais.

Compreende-se que a abordagem da sexualidade na sala de aula se torna importante enquanto espaço de discussões, pesquisa e diálogo. Esta encontra-se atrelada, fundamentalmente, à concepção da adolescência elaborada pelo professor. Essa fase é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano, promovendo o processo de desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, caracterizado, em especial, como um ciclo decisivo para demarcação de diferenças de gênero no campo da identidade cultural (ABRAMOVAY, CASTRO, SILVA, 2004).

Com esse assunto sendo trabalhado de forma mais direta perante os alunos, eles poderão ter um espaço apropriado para tirar suas dúvidas sobre a sexualidade e temas correlatos, como abuso sexual, infecções sexualmente transmissíveis (IST) e gravidez na adolescência, bem como poderá ser trabalhado transversalmente, pelos demais professores, envolvendo o tema e toda a comunidade escolar.

Diante da vulnerabilidade e a suscetibilidade dos jovens aos problemas decorrentes da própria sexualidade, é fundamental o investimento educativo nesta área, singularmente no ambiente escolar, de modo à implementar ações que visem orientação, informação e esclarecimento. Nesse contexto, é que lançamos o seguinte questionamento: Como as instituições formais de ensino básico abordam essa temática em suas atividades educacionais, de modo a tornarem mais atrativa aos alunos?

Assim, o presente trabalho objetiva relatar a produção de paródias, sobre abuso sexual e gênero, por alunos dos anos finais do ensino fundamental II, de uma escola da rede pública municipal de Russas – CE

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A educação sexual é prevista nas escolas desde 1928, sendo pautada, incialmente, em uma “concepção higienista, controladora e repressora da sexualidade, marcada por valores morais e religiosos, que perduraram fortemente até a década de 1950” (BORGES; MEYER, 2008; NARDI; QUARTIERO, 2012).

A partir da década de 60 e 70, com o crescimento dos movimentos feministas e, em 1980, com a descoberta do vírus da imunodeficiência humana (HIV), ampliou-se a preocupação da população. Atualmente, a gravidez na adolescência teve uma queda de 17% no Brasil segundo dados preliminares do Sinasc (Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos) do

Ministério da Saúde. Ainda hoje 66% das gravidezes em adolescentes são indesejadas, sendo que o número de crianças nascidas, de mães adolescentes nessa faixa etária de 10 a 19 anos de idade, representa 18% dos 3 milhões de nascidos vivos no país em 2015. E por mais que esse numero tenha diminuído em comparação a alguns anos atrás ainda é preocupante que essas adolescentes mesmo tendo um certo conhecimento sobre prevenções possam passar por essa experiência nessa fase da vida. (PORTAL BRASIL, 2017)

Complementarmente ao exposto, e analisando que 42% da população total do país eram crianças, adolescentes e jovens, quantificando cerca de 80 milhões de pessoas (IBGE, 2013), é que Tonatto e Sapiro (2002) defendem um maior diálogo entre os adolescentes, singularmente no contexto escolar, de modo a favorecer o entendimento e resolução dos problemas enfrentados nesse período de vida, cujas interrogações são tamanhas. Portanto, dando o direito à informação, autodeterminação pessoal, à consideração para com o outro e ao respeito às diferenças (SIMÕES, 2007).

Ademais, sentindo-se despreparados para tal função, os pais transferem a responsabilidade de uma orientação sexual para as (os) escolas/professores que, na maior parte dos casos, não a vem realizando de forma satisfatória. Sabe-se que, dentro da escola e unidades de saúde que trabalham com adolescentes, a educação sexual ainda é um elemento estranho, principalmente porque mexe com a cabeça e o corpo de todos.

Segundo Altmann (2001)

> A criação do tema transversal Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é outro indício da inserção deste assunto no âmbito escolar. O interesse do estado pela sexualidade da população torna-se evidente a partir desta proposta. De acordo com os PCNs, em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV, o tema Orientação Sexual criado como um dos temas transversais a ser trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização. Cabe, portanto, à escola – e não mais apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e dos adolescentes.

Similarmente, Chaves, Queiroz e Guerra (2004, p. 5) trazem que a abordagem da sexualidade no contexto escolar:

> [...] reforça a característica multidimensional do processo ensino-aprendizagem, mostrando que o desenvolvimento cognitivo do indivíduo é estreitamente relacionado e, portanto, influenciado por seu desenvolvimento pessoal e social, no qual a sexualidade e afetividade têm papéis fundamentais.

A abordagem em sala de aula pelo professor, deve ter o objetivo de juntamente com o aluno, ajudar na construção dos seus valores e identidade sexual, essa construção deve contribuir para o bem-estar emocional do aluno e evitar que aconteça uma confusão cognitiva na busca de respostas às perguntas que surgem ao longo da adolescência e precisa ser encarada como algo natural ao ser humano. Portanto, há uma necessidade de os adolescente possuírem

espaço aberto para conversar sobre as mais diversas temáticas, entre elas, a sexualidade, de modo a aprenderem para além de cuidar com seu próprio corpo, conscientizando-se de seus sentimentos, emoções e valores.

Segundo Suplicy (1998, p.8) "A Orientação Sexual é um processo formal e sistemático que se propõe a preencher lacunas de informações, erradicarem tabus, preconceitos e abrir discussões sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos na área da sexualidade", tendo a escola como instituição fundante dessa sensibilização.

> Sobre as políticas públicas que se decidem sobre a elaboração dos materiais didáticos utilizados no ensino público fundamental e médio, na parte em se trata as temáticas relacionadas a sexualidade estão mais relacionadas às questões subjetivas e socioculturais, a inclusão nos currículos ainda permanece como um plano a ser desenvolvido, sendo assim distanciada de suas práticas nas salas de aula (RIOS; SANTOS, 2008 p.).

Na visão de Rosane (2011), querendo ou não, a instituição de ensino formal lida diariamente com as expressões da sexualidade seja através de uma política de repressão quando proíbe ou inibe determinadas atitudes e não outras; sejam de acordo com seus princípios e normas implícitas ou explícitas, nem sempre claras para a comunidade escolar. É sua função contribuir para uma visão positiva de sexualidade como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades.

> A concepção do trabalho de Orientação Sexual, como instrumento preventivo, vem passando por inúmeras transformações. Seu espaço está sendo discutido intensamente, seja na família, seja na escola, seja na comunidade. Quando utilizado na área de educação, decorre do conceito pedagógico de Orientação Educacional, definindo-se como o processo de influência classificada na área de sexualidade, realizado principalmente em escolas. Implica o fornecimento de informações sobre sexualidade e a organização de um espaço de reflexões e questionamentos sobre postura, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais. (WALENDORFF, 2007)

De acordo com Duarte (2010), os modelos de educação sexual podem variar em relação às concepções daqueles que praticam e promovem as práticas. Segundo esse autor, tais modelos sustentam as perspectivas teóricas e subjetivas que oferecerão embasamento para o desenvolvimento das práticas vinculadas à educação sexual. Nessa perspectiva, os modelos podem diferenciar-se nos valores, compreensões e concepções acerca da sexualidade, bem como sobre as temáticas a serem trabalhadas nos espaços educativos voltados a essa questão.

Os modelos de educação sexual se voltam mais para aspectos biológicos e preventivos sobre a sexualidade. Dentro dessa perspectiva, as práticas mostram-se estritamente focadas na prevenção de DST/AIDS e gravidez não planejada na adolescência, buscando regular e cuidar os corpos e comportamentos dos adolescentes.

> [...] A educação sexual nas escolas é colocada como forma de socializar o aluno, ou, em outras palavras, fazer com que ele aprenda a viver em sociedade, o que não difere

> dos objetivos dos demais conteúdos dos currículos. O que pode ser observado nas instruções dos programas de educação sexual é que este aluno possa deixar de ser um ouvinte e passe a ser um agente de modificação da sociedade em que o mesmo conviva, e que á medida que os conhecimentos forem adquiridos o alunos possa desenvolver uma capacidade crítica que lhe permita abandonar padrões antigos e reinventar novos, mais adequados (VITIELLO, 1997.).

Pode-se compreender que a educação sexual deve estar presente de forma continua nas escolas pois ela vem como uma forma de socializar o aluno no ambiente em que convive e também tem a oportunidade levar amplos conhecimentos, podendo assim transformar pensamentos e aprender a desenvolver o próprio senso critico deixando de apenas ouvinte e passando a ser agente modificador da sociedade.

Assim, há a necessidade de capacitação profissional para a execução das práticas e apoio para a efetivação da interdisciplinaridade (VIEIRA; MATSUKURA, 2017, P. 464), para isso, deve haver politicas públicas que priorizem a abordagem do assunto entre os adolescentes ainda há um grande despreparo de profissionais que possam fazer esse tipo de trabalho.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

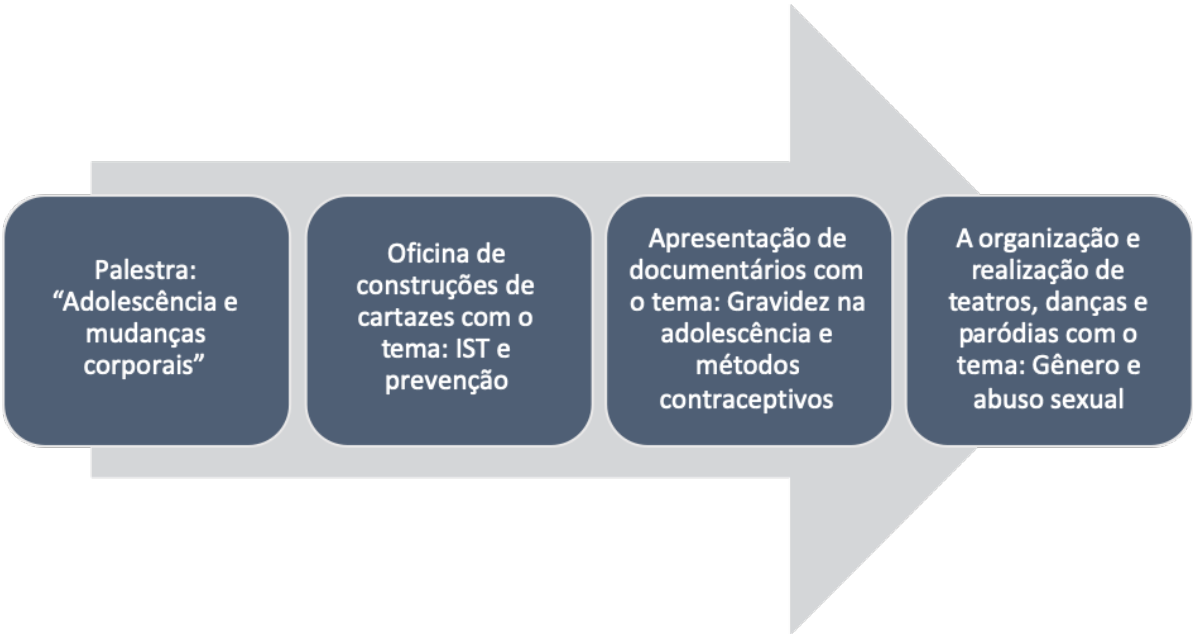
A investigação pode ser caracterizada como um relato reflexivo das atividades lúdicas e educativas desenvolvidas durante o primeiro semestre de 2018, em uma escola de Ensino Fundamental da zona rural da cidade de Russas – Ceará.

Esse tipo de investigação, segundo Dyniewicz (2007), “vinculam-se vivências com e entre os membros das equipes de saúde, outros profissionais, clientes, pacientes, familiares e grupos, servindo de fonte de difusão de saberes e fazeres”,

Os participantes da pesquisa foram alunos na faixa etária entre 12 a 19 anos que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), são considerados como adolescentes. Os mesmos estavam cursando de forma assídua os 8° e 9° ano do ensino fundamental.

Desse modo, executamos as seguintes intervenções, conforme demonstrado na figura 1.

Figura 1 – Etapas de desenvolvimento das atividades e as temáticas abordadas.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Salienta-se que a pesquisa foi realizada de acordo com as exigências éticas e cientificas, preconizadas na Resolução 510/2016.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como previsto, a primeira atividade desenvolvida foi uma palestra com o tema "Adolescência e mudanças corporais". A mesma foi realizada no dia 15 de março do ano em curso, no período da tarde, com um total de 70 alunos, sendo 30 do 8° ano e os outros 40 das turmas de 9° ano, no auditório da escola, local da pesquisa, sendo utilizado o computador e projetor multimídia como os principais recursos.

Salienta-se que a adolescência é uma fase marcada por muitos desafios constantes referentes a eventos estressores reais ou imaginários (Caires e Silva, 2011). As formas de lidar com o estresse estão sendo desenvolvidas e testadas. A etapa é vinculada a uma grande variedade de mudanças biológicas, cognitivas e de experimentação social, entre outras (Guerreiro et al., 2014).

Como os alunos eram numerosos preferiu-se dividir as turmas, então o primeiro momento aconteceu com a turma de 8° ano e o segundo momento com as duas turmas de 9° ano, contabilizando 50 minutos, em media, para cada um dos grupos.

Iniciou-se a palestra questionando aos alunos sobre o conhecimento deles a respeito da adolescência e das modificações biológicas ocorridas durante esse período de vida das pessoas, tendo o estresse, a rebeldia e o "ficar" como as principais palavras associadas à adolescência.

A palestra ocorreu conforme o planejado, tendo sido abortados temas como: mudanças

corporais, cuidados com a higiene íntima e pessoal, a ligação dos hormônios com as mudanças, ciclo menstrual e cólico o que foi de bastante interesse para as meninas que puderam sanar várias dúvidas sobre ciclos irregulares, tipos de absorventes que podem ser usados. Quanto a higiene pode-se explicar que a má higienização do órgão genitais podem acarretar algumas inflamações e infecções, enfim, foi bastante proveitoso e interativo.

Pode-se observar que houve um envolvimento bem proveitoso dos alunos, pois sempre participaram com questionamentos, buscando sanar suas dúvidas. Esta atividade foi realizada com a ajuda de um dos professores que estava acompanhando a turma e que tem formação em biologia.

A segunda atividade desenvolvida, cujo tema trabalhado foi "IST: causas, sintomas e prevenção", ocorreu em dois dias distintos, primeiramente com a turma de 8° ano e em um segundo dia com as turmas de 9° ano. Em ambos os dias a atividade aconteceu no período da manhã. Como era no contra turno então não se conseguiu a participação de muitos alunos.

Compreende-se que por falta de informação e despreocupação, principalmente dos jovens, são fatores determinantes para o aumento da transmissão das ISTs. Segundo OMS/Brasil (2015), a maioria dos brasileiros (94%) sabe que a camisinha é a melhor forma de prevenção às IST e AIDS. Mesmo assim, 45% da população sexualmente ativa não usou preservativo nas relações sexuais casuais nos últimos 12 meses. Por esse motivo, cerca de 2,5% da população brasileira sexualmente ativa já foi contaminada em alguma ocasião por um certo tipo de IST. Isso representa aproximadamente 5 milhões de brasileiros.

Além dos métodos preventivos, pode-se observar bastante interesse dos alunos quanto aos sintomas e também sobre as formas de contágio que não ocorrem exclusivamente no ato sexual.

Conforme Pinheiro (2017):

> A maioria das DST podem ser transmitidas, também, por outras vias que não a sexual. Por exemplo, HIV e Hepatites B e C podem ser transmitidas através de agulhas contaminadas, transfusão de sangue ou de mãe para filho durante a gravidez. A sífilis pode ser transmitida através do beijo, caso existam lesões na boca...Portanto, DST é uma doença que é preferencialmente, mas não necessariamente, transmitida pela via sexual.

Após terem sido sanadas as dúvidas iniciais, solicitamos aos alunos que formassem grupos para a produção de cartazes sobre as medidas de prevenção das IST .

Posteriormente, foi trabalhado o tema "Gravidez na Adolescência", através de documentários referente a temática. Assim, como a atividade anterior, a mesma ocorreu em dois dias, sendo um para cada ano escolar participante. Ambos momentos aconteceram no período da tarde, com duração de 50 minutos em cada turma.

No geral os alunos se interessaram bastante pelo assunto. As meninas ficaram curiosas sobre o uso do anticoncepcional e sobre a pílula do dia seguinte, as quais foram apresentadas durante a aula. Após discussão sobre o assunto foi mostrado um documentário de meninas

que ficaram ou estavam grávidas durante a adolescência, o que fez não só as meninas, mas os meninos também se alertarem sobre o quanto é difícil passar por uma gravidez na adolescência o quanto é importante a prevenção durante uma relação sexual.

Como pode ser observado em resultados apresentados pelo IBGE e o DATASUS a gravidez na adolescência é um problema social e de saúde pública que afeta as adolescentes na faixa etária entre 15 e 19 anos, principalmente, nas regiões Norte e Nordeste, que são as regiões mais pobres do Brasil, e que também são as regiões que apresentam os piores indicadores educacionais (SILVIA; GUSMÃO, 2017).

Segundo Lopes et al. (2015)

> A gravidez precoce tem se tornado uma grande preocupação para gestão de saúde pública. Com poucas orientações e uma vida sexual cada vez mais precoce, muitas adolescentes estão engravidando numa fase da vida em que se encontram despreparadas para assumir tal responsabilidade. Notando-se que o fato da jovem engravidar envolve não só a si, mas, sobretudo, todas as pessoas que de alguma maneira fazem parte de sua vida.

A gestação na adolescência é um fenômeno social que causa transformações biológicas, cognitivas, emocionais que também afetam os adolescentes. Além disso, a gravidez indesejada das adolescentes causa diversos problemas na sua trajetória escolar, porque gravidez precoce causa constrangimento, pressões dos diretores, professores, colegas e pais de colegas, que estão entre os fatores que contribuem para a saída da adolescente da escola, antes do nascimento do filho. Assim, a gravidez precoce tem um impacto negativo na educação, pobreza, desinformação das questões relacionadas à sexualidade, e altos índices de iniciação sexual precoce, pois, tais fatores podem contribuir para a ocorrência da gravidez precoce entre as adolescentes. Desta forma, a falta de informação sobre sexualidade e métodos contraceptivos agravam as situações das adolescentes com poucas condições socioeconômicas (SILVIA; GUSMÃO, 2017).

Apesar de ser um tema bem exposto perante a sociedade para com os adolescentes, ainda assim temos um grande índice de meninas engravidando na adolescência o que causam não apenas mudanças na vida pessoal da mesma, mas também na sua trajetória escolar, muitas delas abandonando os estudos e dependendo de um futuro indefinido.

Por fim, com o tema "Gênero e abuso sexual", foram desenvolvidas atividades atividades como construção de paródias, danças e teatro, conforme quadro 1.

De acordo com Junqueira (2017):

> A orientação sexual irá fazer com que a pessoa busque relacionamentos afetivo-sexuais com pessoas do mesmo sexo (homossexual), sexo oposto (heterossexual) e ambos (bissexual). Já a identidade de gênero diz sobre a como a pessoa se sente, se do gênero feminino ou masculino.

A sexualidade é um tema indispensável de se conversar com os adolescentes, pois eles têm a necessidade de entender e refletir sobre a sexualidade, quebrando tabus, e nessa fase

também que os adolescentes se encontram na construção da sua própria identidade. (AMARAL *et al.* 2017)

Quadro 1- Produtos produzidos pelos pelos alunos sobre gênero e abuso sexual.

Atividade	Música	Tema	Disponibilizado em
Dança	Respeita as mina (Intérprete: Kell Smith)	Respeito	https://youtu.be/DVEUSbr82Uw
Dança	Indestrutível (Intérprete: Pabllo Vitar)	Homofobia	https://youtu.be/6n4nqYyTXXY
Paródia	Envolvimento (Intérprete: MC Loma e as Gêmeas Lacração)	Homofobia	
Paródia	Paralisa (Intéprete: Mc Loma e as Gêmeas Lacração)	Abuso sexual	
Paródia	Só quer vrau (Intéprete: Mc MM)	Abuso sexual	
Paródia	Amor Falso (Intérprete: Aldair Playboy)	Abuso sexual	
Teatro	-	Abuso sexual	https://youtu.be/8QwaGNJXqdU
Teatro	-	Homoafetividade	https://youtu.be/6mzkcby5YT4

Fonte: Elaborado pelos autores.

Diariamente crianças e adolescentes são abusados no brasil, uma das piores formas de violência que pode ser praticada, esse foi um dos temas mais polêmicos que foi tratado com os alunos os informando de como se proteger e também alertando principalmente os meninos sobre atitudes que não deveriam ser praticadas com as meninas. A respeito do abuso e exploração sexual, afirma Sá *et al.* (2017):

> O abuso e a exploração sexual são as duas formas, igualmente perversas, com que a violência sexual se manifesta. O abuso é qualquer ato de natureza ou conotação sexual em que os adultos submetem menores de idade a situações de estimulação ou satisfação sexual, impostos pela força física, ameaça ou sedução. Já a exploração pressupõe uma ação de mercantilização, onde o sexo é fruto de uma troca, seja ela financeira, de favores ou presentes. O abuso sexual infantil pode causar danos tanto em curto prazo quanto em longo prazo.

Essa foi à atividade em que os alunos mais se envolveram, pois além dos temas trabalhados terem sidos polêmicos como Abuso Sexual e Homofobia, o assunto foi trabalhado através de slides e vídeos, tratando também da temática abuso sexual, sendo mostrados três vídeos, abordando depoimento de uma adolescente que foi abusada, uma campanha contra o estupro e outra dedicada ao dia 18 de maio, dia nacional de combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.

Quanto ao assunto de identidade de gênero, os alunos puderam aprender que devemos respeitar as pessoas como elas são. Por meio dessa atividade os alunos puderam tirar dúvidas

quando a diferença entre transexual e transgênico e ao fim de ser exibido todo o conteúdo da aula foi exibido um vídeo do cantor Pabllo Vitar onde em sua música ele mostra como acontece a homofobia e que a maioria dos casos acontece ainda dentro da escola.

Vale ressaltar que a escola age como promotora do diálogo sobre diferenças individuais, destacando o papel que a educação tem de oferecer conhecimento e um olhar democrático, capaz de construir na criança e no adolescente um espírito defensor da igualdade social, excluindo dela qualquer indício de convencionalismo que possa gerar convicções preconceituosas ou estereotipadas. A escola tem o poder e o dever de transformar o cidadão em desenvolvimento (OLIVEIRA, 2017).

Sendo assim, é de suma importância o papel da escola na construção de um cidadão crítico e pensante, em que este seja capaz de ter suas próprias convicções e opiniões, mas que este saiba respeitar e aceitar as diferenças dos outros.

Depois do exposto foi proposto aos alunos, que eles se dividissem para criar paródias e um teatro sobre um dos temas abordados durante o projeto, onde os trabalhos foram apresentados na tarde do dia 25 de maio.

Os ensaios aconteceram durante as aulas de artes de cada turma que a professora gentilmente cedeu para que pudesse acontecer, e apresentação aconteceu na tarde do dia 25 de maio, que foi dedicado ao dia 18 de maio em que acontece o movimento em combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes.

De acordo com Fazenda (1994) a interdisciplinaridade apresenta de formas diversas um mesmo conteúdo sem que haja a perda de sua especificidade, havendo assim uma convivência entre disciplinas que possam se completar e abordar o mesmo assunto em âmbitos diferentes.

Segundo Junior e Pontel (2014):

> [...] desenvolver ações pautadas a partir da interdisciplinaridade, nas instituições educacionais, vem ao encontro das ideias defendidas em documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais. Por isso, atividades interdisciplinares, além do respaldo legal, encontram incentivos para serem incorporadas nas práticas educativas.

Portanto, a interdisciplinaridade permite aos alunos estudar um determinado assunto em várias áreas diferentes, sendo que área pode abordar o mesmo assunto de forma diferente, porém se complementando.

Nesse contexto foi possível observar que foi bem proveitoso e dinâmico usar das atividades artísticas, para expressar os conhecimentos adquiridos durante o presente projeto realizado. Assim, com as atividades desenvolvidas pelos alunos, pode-se perceber o empenho de cada aluno para que as apresentações pudessem acontecer, e também que puderam aproveitar ao máximo aquele momento diferenciado na escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter realizado todas as atividades propostas pelo projeto com os adolescentes, percebeu-se que foi uma oportunidade importante, de reflexões e discussões, ampliando o campo de conhecimento deles sobre os temas trabalhados.

Perante o exposto durante o trabalho, ressalta-se a necessidade de implementação de estratégias educativas que se valham de metodologias participativas, como as palestras, peças teatrais, entre outros métodos, propiciando atividades participativas e dinâmicas onde eles podem expressar, inclusive, seus dons artísticos, além de promover a sensibilização dos adolescentes voltados não apenas para assuntos relacionados a sexualidade, mas que também possam ser desenvolvidas atividades sobre outros temas tão importante quanto a sexualidade na fase da adolescência.

Tendo em vista que foi possível a realização de todas as atividades propostas com os alunos, pode-se observar que os mesmos se interessaram bastante pois foi um momento de esclarecer dúvidas, pois na maioria da vezes não conversam com ninguém sobre o assunto, portanto concluímos assim que os adolescentes gostariam sim que esse tipo de temática fosse trabalhada com os mesmos na escola, pois sendo um lugar de formação e conhecimento constante é lá que eles podem se tornar jovens sensíveis a esta temática.

REFERÊNCIAS

A

ABRAMOVAY, M; CASTRO, M. G; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO, Brasil, 2004.

ALTMANN, H. **Orientação Sexual Nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. 2001. Portal da educação. Disponível em: http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/principal/agencia-saude/28317-gravidez-na-adolescencia-tem-queda-de-17-no-brasil. Acesso em 07 de dezembro de 2017.

AMARAL, Alice Mayra Santiago; SANTOS, Diana; PAES, Helen Cristina da Silva; DANTAS, Isabele dos Santos; SANTOS, Denise Santana Silva. ÁVILA, S. F. O. A adolescência como ideal social. **An**. 1 Simp. Internacional do Adolescente May. Faculdades Integradas Maria Thereza e Centro Universitário Metodista UniBennett. Rio de Janeiro, RJ. 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAIRES, S., & SILVA, C. Fatores de stress e estratégias de coping entre adolescentes do 12º ano de escolaridade. **Estudos de Psicologia**. Campinas. 2011.

CARNEIRO, R. F.; SILVA, N. C.; ALVES, T. A.; ALBUQUERQUE, D. O.; BRITO, D. C.; OLIVEIRA, L. L. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **S A N A R E,** Sobral, V.14, n.01, p.104-108, jan./jun. – 2015.

CHAVES, G. B.; QUEIROZ, E.; GUERRA, L. B. **Apontamentos para trabalho em educação sexual nas escolas**. Comitê de ética e pesquisa. Grupo Editorial Summus, Sexualidade na escola, Alternativas teorias e práticas. 1997.

DINIS, N. **Educação sexual na perspectiva histórico-cultural**. 2006.

COELHO, Manuela de Mendonça Figueiredo; TORRES, Raimundo Augusto Martins; MIRANDA, Karla Corrêa Lima; CABRAL, Riksberg Leite; ALMEIDA, Lívia Karoline Guimarães de; QUEIROZ, Maria Veraci Oliveira. Educação em saúde com adolescentes: compartilhando vivências e reflexões. **Cienc Cuid Saude 2012 Abr/Jun; 11(2):390-395**. 2012.

DYNIEWICZ, Ana Maria. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes/Ana Maria Dyniewicz** - São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2007.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papirus, 1994.

GOMES, R . S. Educação em sexualidade na escola: entre a normalização e a perspectiva dos direitos humanos. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 10. Florianópolis, 2013.

GUERREIRO, D. F., CRUZ, D., FIGUEIRA, M. L., & SAMPAIO, D. Estudo de adaptação e características psicométricas da versão portuguesa da Adolescent Coping Scale – Escala de Coping para Adolescentes. 2014.

JUNIOR, Joelio Dias Perdomo; PUNTEL, Robson Luiz. A percepção dos professores do ensino médio sobre ações interdisciplinares. 2014.

JUNQUEIRA, P. **Psicóloga explica diferença entre identidade de gênero e orientação sexual**. G1. Espírito Santo – Tvgazeta. 2017. Disponível em: https://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/psicologa-explica-diferenca-entre-identidade-de-genero-e-orientacao-sexual.ghtml. Acesso em: 29 de abril de 2018.

LOPES, L. P. M. Sexualidade em sala de aula: discurso, desejo e teoria quer. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 125-148.

LOPES, Jhéssica de Jesus; FIGUEREDO, Talita Peixoto de; SILVA, Matheus de Oliveira; ALVES, Márcia Vieira; JANUÁRIO, Rita de Cássia Santana; FERREIRA, Verena Santos Andrade. Gravidez na adolescência: principais causas e consequências. **Revista de Inovação, Tecnologia e Ciências (RITEC),** v. 1, n. 1, p. 260-263, 2015.

MARINHO, A. M. S. A educação ambiental e o desafio da interdisciplinaridade. 2004. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

OLIVEIRA, Paulo. V. P. **Liberdade de gênero e sexualidade: o papel da educação na construção da identidade.** Revista Communitas VI, Se ninguém te ouve: escreva!. 2017.
PINHEIRO, P. **Doenças sexualmente transmissíveis**. 2017. Disponível em https://www.

mdsaude.com/2012/06/o-\que-e-dst.html. Acesso em 29 de abril de 2018.
SÁ, C. M. Q.; LIMA, E. I. S.; RAMOS, Francisca Misselângela Costa; SILVA, Francisco Ednan Braga da; OLIVEIRA, Lara Leite de. **Abuso sexual infantil e suas consequências na vida adulta da mulher** – uma abordagem reflexiva. 2017.

SANTOS, Taciana; ALBUQUERQUE, Lívia; BANDEIRA, Carolina; COLARES, Viviane. Fatores que contribuem para o início da atividade sexual em adolescentes: revisão integrativa. **Rev. de Atenção à Saúde**, v. 13, no 44, abr./jun. 2015, p. 64-70.

SILVA, Maria Cristina Rocha; GUSMÃO, Fabio Alexandre Ferreira. **Os impactos da maternidade precoce sobre o desempenho escolar das adolescentes brasileiras**: uma análise das pesquisas de 1995 a 2015. 2015.

SOUSA, R. **Educação Sexual Na Escola**: Uma Atividade Necessária. Ibaiti 2011.

SUPLICY, M**. Sexo se aprende na Escola**. 4º Edição olho d água. Fevereiro 2008.

TONATTO, S.; SAPIRO, C. M. Os Novos Parâmetros Curriculares das Escolas Brasileiras e Educação Sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicologia & Sociedade**, nº 14 (2), p. 163-175, jul./dez.2002.

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S.. **Revista Brasileira de Educação.** Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. 2017.

VITIELLO, N. **Sexualidade** – quem educa o educador. São Paulo: Iglu. 1997.

WALENDORFF, J. Educação Sexual - Sexualidade: Antes E Depois. 2007.

PSICOLOGIA COMO MEIO PARA RESSIGNIFICAR A COMPETIÇÃO ESCOLAR À LUZ DA ABORDAGEM COMPORTAMENTAL

Carolina Machado de Oliveira[1]
Érica Mayer de Freitas[2]
Michele Zanella[3]

RESUMO
O presente artigo discute a competição em suas diversas possibilidades de desempenho, possibilitando um novo olhar por trás dos mitos e verdades sobre a mesma. Apresenta sua conceituação, assim como, sua origem, e qual papel da mídia, exibindo ainda qual influência terceiros exercem nesse processo. Foi abordado em específico a competição escolar pelo viés da psicologia comportamental como aporte teórico e pano de fundo para a pesquisa.

Palavras-chave: Competição. Esporte. Psicologia. Comportamental.

ABSTRACT
This article discusses a competition in its various possibilities of performance, allowing a new look at the myths and truths about it. Its conception, as well as its origin, and the role of the media, still exhibiting its most important knowledge. It was approached in specific the perspective of the teaching of behavioral psychology and theoretical background for the research.

Key words: Competition. Sport. Psychology. Behavioral.

1 INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo trazer explanações a respeito da competição, bem como seu caráter, elucidar a influência que a família apresenta no processo competitivo, e a modelagem feita pela mídia no âmbito esportivo. Seus objetivos específicos são esmiuçar a competição escolar pelo viés da psicologia do esporte e como a mesma se apresenta como veículo para ressignificar a competição escolar pela abordagem comportamental.

2 O QUE É A COMPETIÇÃO

A competição permeia todas as esferas da vida, dividindo opiniões. Nesse contexto, Weinberg disse, Competimos contra os outros, contra nós mesmos, contra o relógio ou livro de recordes, contra os objetos e os elementos naturais (alpinismo, canoagem).

> Mas, para definir competição, a maior parte dos pesquisadores se concentrou em situações nas quais as pessoas competem contra as outras em atividades físicas

[1] Mestre em Educação pela FURB. Docente dos cursos de Educação Física UNIDAVI. Líder do Grupo de Pesquisa Teorias e Práticas Pedagógicas em Educação Física – TEPPEF UNIDAVI.
[2]Acadêmica da 8ª fase do curso de Psicologia UNIDAVI. Bolsista de Iniciação Científica Art. 170.
[3]Mestranda em Saúde Coletiva FURB. Docente do curso de Psicologia UNIDAVI.

> organizadas. Por exemplo, Coakley (1994) define competição como "um processo social que ocorre quando são dadas recompensas as pessoas com base em seu desempenho comparado com o de outros indivíduos que estejam realizando a mesma tarefa ou participando do mesmo evento" (WEINBERG, 2008, Apud COAKLEY, 1994, p. 122).

Neste sentido, como revelou Sadi (2013) competir é importante para a formação das pessoas, estando ligado ao esporte ou não, visto que competir perpassa qualquer situação da vida. Os competidores e concorrentes são adversários que visam os mesmos objetivos, no caso, a vitória, seja vencer o outro ou vencer a si mesmo. Por meio disto, a competição tem base na recompensa, na qual, está ligada com sucesso e fracasso, visto que, a mesma sempre envolve a comparação entre os participantes.

Por este ângulo, a competitividade traduz-se no prazer de competir e também no desejo por alcançar sucesso no contexto competitivo esportivo, sendo assim, o processo competitivo apresenta duas especificidades, se a competição for com foco na vitória o sujeito direciona seu esforço na comparação, desse modo, é mais importante superar o outro do que melhorar o próprio desempenho, caso a competição seja com foco no próprio objetivo, o indivíduo direciona sua energia para melhorar seu desempenho e não em ganhar. (WEINBERG, 2008).

De acordo com Weinberg (2008) é por meio do modelo competitivo atual que o esporte é impulsionado. Neste sentido, a competição pode apresentar dois lados, um positivo e outro negativo, onde a concepção positiva ficou tão enraizada que muitas pessoas equiparam o sucesso com vitória e remetem a ideia de que a competição revela o melhor do ser humano, e até consideram isto como um estilo de vida, conforme retratou o ex técnico do Green Bay Packer, Vince Lombardi de que vencer não é tudo, mas é a única coisa.

No entanto, a competição pode levar a casos de desonestidade, como o uso de esteróides, dentre diversas outras formas de burlar as regras ou vencer a qualquer custo (WEINBERG, 2008). Com o perpassar dessas perspectivas, alguns mitos vieram acoplados a competição, dentre eles, a competição constrói o caráter (exemplo: autoconfiança, autoestima), a competição nos motiva a fazer o melhor, a competição é a melhor maneira de se divertir, e a competição é parte da natureza humana (WEINBERG, 2008 apud KOHN 1986).

Entretanto, em contrapartida a competição, aparece a cooperação, na qual é conceituada como "um processo social por meio do qual o desempenho é avaliado e recompensado em termos de realização coletiva de um grupo de pessoas que trabalham juntas para alcançar determinado objetivo" (WEINBERG, 2008 apud COAKLEY, 1994, p.122).

Tal definição comenta que a cooperação requer também de uma recompensa, mas a mesma envolve mais participantes, assim sendo, a recompensa é distribuída igualmente por todos os integrantes, mesmo alguns participantes contribuindo mais que outros (WEINBERG, 2008 apud COAKLEY, 1994, p. 122). Um exemplo disso, se dá no basquetebol em que o time todo deve cooperar para ter vitória no jogo, mas ainda assim os jogadores podem estar competindo entre si, seja pela posição que cada um ocupa no time, como o titular, por exemplo

(WEINBERG, 2008 apud DEUTSCH, 1949).

Por meio disto, o caráter da competição e cooperação é adquirido pelos jovens principalmente por meio dos profissionais da educação física, dentre os quais, podem ensinar o aluno como devem reagir aos estímulos. Por exemplo, o professor pode passar a ideia de que o correto é vencer a qualquer custo, que irá promover um tipo de comportamento ou transmitir a ideia de jogo limpo e consequentemente o desenvolvimento das habilidades deste sujeito.

Nestes dois vieses ocorrem o oposto, no entanto, é válido que o profissional faça um exercício de expor as duas perspectivas e ressaltar a importância que cada membro tem dentro de um grupo, pois desta forma, os indivíduos conseguem visualizar a necessidade uns dos outros. Essa perspectiva contribui para os educandos desenvolver habilidades cooperativas e competitivas e revela como as duas estão interligadas e são complementares (WEINBERG, 2008).

Conforme disse Weinberg, "precisamos de nós mesmos e dos outros para buscar excelência e competir no mais alto nível. [...], entretanto, a cooperação não precisa substituir a competição. Defendemos uma combinação de competição e cooperação em nossa atividade esportiva e física" (WEINBERG 2008. p.138).

3 CARÁTER DA COMPETIÇÃO

A competição transpassa muitos lados e verdades, dentre tantos, surge especulações a respeito do seu caráter, visto que, o senso comum diz que "temos a natureza competitiva". No entanto, a competição é um dos componentes da sociedade capitalista, o qual, posteriormente foi para o contexto esportivo (SADI, 2013). Diante disso, Weinberg desmistifica tal formulação quando menciona que

> Basicamente, competição é um processo social "aprendido" (e não inato) que é influenciado pelo ambiente social (incluindo técnicos, pais, amigos, psicólogos do esporte, etc). A competição não é inerentemente boa nem ruim. Trata-se simplesmente de um processo, e a qualidade da liderança determina em grande parte se será uma experiência positiva ou negativa para o participante. Portanto, você deve considerar os diversos fatores que influenciam a relação entre a situação competitiva objetiva, a situação competitiva subjetiva, a resposta e as consequências do processo competitivo (WEINBERG, 2008, p. 127,128).

4 COMPETIÇÃO ESCOLAR À LUZ DA PSICOLOGIA DO ESPORTE

É principalmente no período escolar que se introduz a competição e dentro deste ambiente perpassa uma gama de possibilidades, no sentido de a partir da maneira que o esporte for ensinado vai modelar os comportamentos e o modo como as pessoas vão agir em determinadas situações, principalmente em situações que envolvem grupos. Tais comportamentos vão ser

modelados por meio da observação e podem ser reforçadores ou não.

Por este ângulo, Sadi (2013) denota que a competição esportiva com fins educacionais quando bem pautada por objetivos claros, a fim de não passar o modelo tradicional da competição, pode se revelar como um instrumento rico para a aprendizagem, expõe também que a educação física como conteúdo escolar precisa estar clara e bem definida, a fim de que não reproduza o modelo competitivo do sistema olímpico. E também não seja um período para "matar tempo" ou apenas de brincadeira, necessita estar pautada por um conteúdo por traz e que o mesmo seja claro para os alunos, possibilitando o entendimento e importância da disciplina na grade curricular. O autor evidencia que

> É fundamental que as competições do alto rendimento esportivo, educacional e de lazer se apresentem como conteúdo ativo na escola, para que os alunos possam distinguir, na teoria e na prática, as diferenças entre as formas competitivas. Como momento de congraçamento, unificação e confraternização, a competição vem sendo apenas reproduzida no universo escolar. Para além desta perspectiva, é interessante situá-la como conhecimento de reflexão e crítica criativa (SADI, 2013, p. 7)

Nesta conjuntura, é essencial deixar claro que é a partir dos conhecimentos de caráter sociológico que a competição para as crianças e jovens se apresenta como um reflexo da competição na sociedade (SADI, 2013, p. 4). Nesta continuidade, como já visto acima, o caráter competitivo é adquirido, ele não está nas crianças, mas sim na sociedade, e por meio desta, que as crianças e adolescentes introduzem tal concepção. O que revela a dificuldade de se trabalhar com competição e cooperação juntas na escola, posto que, isso altera muito de educador para educador, portanto, a competição não está diretamente nas crianças, mas sim nos professores. Com isso, quando se tem um bom subsídio a educação e formação no esporte e pelo esporte pode levar à reflexão crítica e criativa, aos questionamentos, ao mundo da descoberta, da proposição, inovação e ressignificação (SADI, 2013, p. 5).

Entretanto, é importante analisar quais impactos o modelo de ensino errôneo gera nos sujeitos envolvidos, se tornando visível nos jogos escolares como os Jogos Escolares de Santa Catarina (JESC) e Olimpíada Estudantil Catarinense (OLESC), em que o objetivo se faz em possibilitar vivências de sucesso para uma minoria e de fracasso para uma maioria. Acoplado a isto, se faz necessário compreender como as derrotas e vitórias afetam as crianças, se fazendo importante também verificar quais impactos uma prática frustrante gera, podendo ser positiva ou não. A vista disso,

> As derrotas e vitórias estarão sempre presentes na vida, não seria diferente com o meio esportivo, entretanto, para o esporte como pedagogia, relativizar as vitórias e as derrotas ensinando uma adequada relação com a competição, faz parte de um processo paciente e demorado. Às vezes hoje, você vence amanhã, poderá perder, são situações da vida e dos esportes que funcionam como características estruturantes da formação humana. No caso da derrota, há nitidamente a questão do sofrimento, que pode ser um elemento estruturador para a superação (SADI, 2013, p. 9).

O esporte é “lugar” de um turbilhão de emoções a flor da pele a todo momento, e isso percorre os princípios éticos-morais, os sentimentos e valores dos indivíduos (SADI, 2013). Pensando a partir disso, é evidente um olhar abrangente no sujeito bio-psico-social.

5 A PSICOLOGIA COMPORTAMENTAL COMO MEIO PARA RESSIGNIFICAR A COMPETIÇÃO ESCOLAR

A psicologia comportamental atribui como objeto de estudo e atuação, os comportamentos do sujeito. |Neste sentido, o comportamento é entendido como o responder de um indivíduo e sua relação com o ambiente (SOUZA, 2016 apud LAURENTI, 2004 p. 6). O qual conceitualmente retrata que qualquer episódio do mundo afeta o comportamento da pessoa como, por exemplo, romper com o namorado(a) afeta o comportamento do atleta, romper com o namorado(a) pode ser entendido como parte do ambiente; se uma dor afeta o comportamento do atleta ela é parte do ambiente (SOUZA, 2016, p. 6). Com isso,

> No caso do atleta, partes importantes de seu ambiente podem ser: o material empregado para a prática da modalidade, as pessoas envolvidas no contexto esportivo, o local de treinamento (quadra, piscina etc.), os estímulos produzidos pelo próprio indivíduo (por exemplo, o comportamento de treinar de um atleta pode ser afetado por uma dor provocada por uma lesão ocorrida no dia anterior), e ainda, as diferentes práticas culturais dos grupos aos quais pertence. Ou seja, além do comportamento do atleta poder ser afetado pelo comportamento de outras pessoas, individualmente, será afetado também por costumes ou práticas culturais que, em geral, são compartilhadas por grupos de pessoas (grupo familiar, social, esportivo, religioso etc.). É importante ressaltar que esses mesmos grupos e pessoas que afetam o comportamento do atleta (ou de quem pratica esporte) também são afetados pelas mudanças alcançadas pelos atletas. Ou seja, as alterações são recíprocas. Com isso, ao trabalhar com atletas, os analistas do comportamento estão interessados “no indivíduo em relação com o seu ambiente” (SOUZA, 2016 apud CHIESA, 1994, p. 6).

A partir deste viés, é possível dividir a atuação junto ao esporte em quatro campos específicos: alto-rendimento; educacional; recreação ou tempo livre; e reabilitação. (CILLO, 2002, apud SCALA, 2000, p. 4). No âmbito educacional o psicólogo pode atuar englobando a atividade física envolvida com projetos sociais que visem o esporte como método de ensino, bem como utilizar da atividade física para ensinar repertórios comportamentais de cuidados com a saúde e até mesmo para socializar.

Portanto, a atuação do psicólogo comportamental neste campo se destina ao desenvolvimento da aprendizagem de repertórios específicos. Por conseguinte,é possível se pensar como a psicologia por meio do olhar comportamental pode repensar a competição no contexto escolar e com todo o aporte teórico da abordagem, pode possibilitar importantes ressignificações neste tema.

Dentre os esquemas de reforçamento, em específico o reforçamento intermitente, o qual declara que nem sempre é possível reforçar imediatamente o sujeito após uma resposta,

portanto, nem toda resposta emitida é reforçada, em algumas ocasiões a emissão da resposta pode não produzir um reforçador (CILLI, 2002). Intencionando o conceito para a temática da competição, vê-se que o reforçamento intermitente pode ser uma ferramenta eficaz, visto que no período escolar a competição pode ser bastante reforçadora, se fortalecendo em outros aspectos da vida posteriormente.

A partir disso, o psicólogo, bem como o educador de forma consciente podem aplicar este recurso, a fim de proporcionar ao aluno o entendimento de que, a competição é algo bom, mas nem sempre será o melhor, ou o mais eficaz, não recebendo reforço por sua atuação.

Na generalização de estímulos, o indivíduo vai emitir um comportamento a ser reforçado no presente, por determinado estímulo específico, e quando esta pessoa emitir essa mesma resposta na presença de outro estímulo antecedente que se pareça com aquele já reforçado anteriormente, acaba realizando a generalização, portanto, ela vai emitir determinados comportamentos em diversas situações (CILLI, 2002).

Neste sentido, dá para pensar em como a competição tem um potencial de generalização, aplicando-se a diversos âmbitos da vida. E como esta generalização pode acarretar efeitos benéficos, como também maléficos, a vida do sujeito pensando na perspectiva competitiva, como por exemplo, um aluno que não se interessava pelo esporte, e acaba tendo que realizar na escola, e ganha um jogo, aquilo se torna reforçador para ele, o mesmo acaba generalizando o ganhar em outras áreas da vida como, tirar notas altas por exemplo, porém para isto, ele acaba colando nas atividades avaliativas. No exemplo citado, vê-se dois polos, e como a generalização de estímulos possibilidade uma gama de possibilidades. Desta maneira, é importante estar atento aos efeitos disto.

A modelação se baseia em apresentar um estímulo que normalmente é visual a ser imitado. Por exemplo, um professor que passa uma atividade ao aluno, e demonstra o comportamento que quer ver o aluno executar (CILLI, 2002). Considerando a competição com a modelação, importantes reflexões podem ser feitas atrelando as duas temáticas, dado que, a competição não é um processo natural e sim aprendido, portanto é influenciada pelo processo da modelação. Nesse sentido, deve-se atentar a forma de conduzir dos profissionais envolvidos na educação da criança.

Por fim, o comportamento governado por regras é denominado como:

> O comportamento governado por regras fica sob controle de antecedentes os quais descrevem contingências. Nesse sentido podemos encontrar regras que descrevem toda uma contingência (o antecedente, a resposta e a conseqüência) como "Quando chegar à marca dos 300 metros (Sd) dê a arrancada final (R) e poderá ganhar a prova (Cons.)" (CILLI, 2002, p. 15)

Com esta definição pode-se afirmar que a competição recebe influência do comportamento governado por regras, visto que, quando um sujeito compete por algo, aquilo é reforçador para ele de alguma forma, mas é reforçador antes mesmo dele chegar a competir (antecedente), neste sentido, encontram-se as regras.

6 PAPEL DO GRUPO FAMILIAR NA COMPETIÇÃO

É notório que a família é o primeiro grupo de convívio do ser humano, por isso, exerce grande influência na vida de um sujeito. Desta forma a maneira como cada um lida e se apropria da competição tem grande influência com o que aprendem no período escolar, mas também pelo grupo familiar. É neste contexto que o sujeito desenvolve sua identidade, bem como, motivação para o sucesso.

Os familiares têm um papel categórico neste aspecto, pois, possibilitam suporte, encorajamento e todo apoio necessário para a criança que inicia no esporte. No entanto, nem sempre esse apoio gera bons resultados, com altas exigências, cobrança excessiva, regras muito rígidas e expectativas ilusórias (VILANI, 2002). Nesta lógica, é importante que administradores, técnicos e pais saibam como ajudar os participantes a se sentirem mais felizes em relação a experiências esportivas (WEINBERG, 2008, p. 127).

Toda prática esportiva destinada às crianças e adolescentes é mediada por ações adultas, dos pais, dirigentes, professores, técnicos, árbitros, todos de certo modo interferem nas expectativas dos praticantes (VILANI, 2002 apud KORSAKAS, 2002). Neste ínterim,

> Somos, em alto grau, produto da espécie de criação que recebemos quando crianças, e temos uma responsabilidade a mais: todo adulto que lida com crianças desempenha o papel de pai, sejam essas crianças filhos seus ou de outrem. Consequentemente, as atitudes dos pais constituem parâmetros essenciais para o desenvolvimento da personalidade do sujeito (VILANI, 2002 apud JERSILD, 1966, p. 5).

O autor revela que existem três tipos de família: democráticas, autoritárias e permissivas e que os pais exercem influências sobre a criança e o jovem no esporte competitivo (VILANI, 2002). E que

> As interações dentro da família são complexas e incluem desde o relacionamento entre o pai-criança, mãe-criança, os sentimentos dos pais sobre a criança e as interações com os irmãos. Logo, não podemos simplesmente ignorar estas relações no dia a dia do ambiente esportivo, o comportamento do atleta nos treinamentos ou mesmo nas competições pode estar refletindo um contexto ao qual não é evidente por não estar relacionado diretamente ao treinador (VILAN, 2002, p. 6).

Verifica-se que os pais das crianças esportistas se comportam agindo com sobriedade apoiando o filho, ou nunca estão presentes e ou só perturbam a criança com sua conduta desequilibrada (VILANI, 2002 apud BECKER JR e TELOKEN, 2000). A figura paterna exerce grande influência na vida da criança, algumas vezes os pais projetam nos filhos os seus sonhos, e o apoio dado tem por objetivo suprir seus desejos não realizados e não de fato, apoiar a criança com novas experiências (VILANI, 2002 apud HANLON, 1994).

7 PAPEL DA MÍDIA NO ESPORTE

A psicologia do esporte surge em meados das décadas de 60 e 70 onde começa receber maior atenção, porém só na década de 90 que começa a receber maior investimento e reconhecimentos, onde é acoplada com o esporte de alto rendimento, que com o perpassar do tempo, ficou sujeito a novas visões, dentre elas se tornou indissociável a ligação do esporte com a mídia, concomitante as ideias narcisistas da Grécia Antiga, período do surgimento do esporte, sincrônico a isso retrata Rubio (2003) a partir desta transição de ideais, se torna mais forte a "estetização da existência", em que importa somente a exaltação do eu, tanto para si mesmo quanto para os outros.

> O sujeito passa a valer pelo que parece ser, de acordo com as imagens produzidas para se apresentar na cena social. A mídia cumpre um papel de destaque nessa configuração, pois, com seu culto as celebridades, alimenta os sonhos narcisistas de fama e glória do homem comum que, identificado com esse discurso, sente dificuldade em aceitar a banalidade da existência cotidiana. (RUBIO, 2003, p. 245)

Vinculado a isso, Rubio faz críticas ao esporte, tal qual diz,

> Que o mesmo se presta totalmente para preencher estes sonhos narcisistas uma vez que se calcou na espetacularização. Como um fenômeno de massa, necessita da presença de "heróis", "estrelas" ou "ídolos" para manter-se interessante e, consequentemente, uma fonte de identificação para as pessoas (RUBIO, 2003, p. 245).

O mesmo ainda ressalta que tais atletas têm a capacidade de incitar multidões com seus desempenhos e a partir disso provocam emoções coletivas (RUBIO, 2003).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo conseguiu trazer importantes reflexões a respeito da competição e seu caráter, a fim de ressaltar a influência que têm os familiares no quesito competição, bem como, trazer o papel da mídia no ambiente esportivo e detalhar a competição escolar com um olhar da psicologia do esporte em especial a abordagem comportamental.

Dentre os conceitos discutidos, a competição é tema de muito debate e discussão onde divide opiniões, a mesma apresenta dois lados, traz acoplado ao esporte fatores favoráveis como motivação, premiação, dentre outros fatores reforçadores para cada sujeito que pratica o esporte, no entanto, pode acarretar em aspectos desfavoráveis, como trapaça, deslealdade, e um modelo dicotômico de sucesso ou fracasso apenas, porém, em contrapartida, existe diversas outras possibilidades de se praticar esporte sem que ocorra apenas competição do modelo tradicional, possibilitando desta forma, um olhar diferente, em que, a diversão e experiências tanto positivas quanto negativas são válidas e servem de aprendizado.

Neste ínterim, já é notório que a família é um sistema de grande influência na vida

de qualquer sujeito, no entanto, no aspecto esportivo, a conjuntura familiar pode acarretar uma influência abundante, sendo positivo ou não para a criança que está se formando em um atleta ou que nem deseja o esporte de alto rendimento, mas por anseio dos familiares acaba se tornando, gerando prejuízos posteriormente na sua vida psíquica.

Outro ponto abordado foi relacionado a competição escolar e retratou como os jogos escolares podem possibilitar uma prática punitiva, facilitando a saída da criança e do adolescente no mundo esportivo, neste sentido, se faz importante ressaltar a importância de analisar qual os impactos de jogar com as regras do jogo e de recriar as mesmas, portanto, é importante para o desenvolvimento do ser humano ter experiências de sucesso e fracasso e o esporte pode ser uma importante ferramenta de ensino nesse sentido, de possibilitar com que a criança compreenda o sentido de perder e de ganhar.

Em continuidade a mídia exerce grande influência no período de desenvolvimento da criança, tocando e envolvendo multidões, por este motivo, o esporte no período escolar constitui uma participação significativa na vida dos sujeitos, tornando-os conscientes da influência recebida e se a mesma pode agregar alguma coisa ou não. Por fim, o artigo buscou vincular o tema para a psicologia comportamental, a fim de que a mesma seja veículo para abordar a competição com um olhar diferenciado.

REFERÊNCIAS

CILLO, Eduardo Neves P. de. **Psicologia do esporte:** conceitos aplicados a partir da Análise do Comportamento, Santo Andre/SP, vol. 1, 2002.

RUBIO, Katia. **Psicologia do esporte:** teoria e pratica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SADI, Renato Sampaio. **A complexidade da competição esportiva diante do paradigma do ambiente social competitivo e das possibilidades pedagógicas que os professores de Educação Física dispõem.** São Paulo, 2013.

SOUZA, Silvia Regina de; GONGORA, Maura. **Análise do comportamento e a psicologia do esporte:** alguns esclarecimentos. São Paulo, vol. 6. N°. 1, jan/jun, 2016.

VILANI, Luiz Henrique Porto; SAMULSKI, Dietmar Martin. **Família e esporte:** uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. Belo Horizonte, 2002.

WEINBERG, Robert S. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

POR QUÊ SOMOS ASSIM COMO SOMOS?

Augusto Fey [1]
Edison de Andrade[2]

RESUMO
A memória genética seria a responsável pela formação do banco de dados do DNA. Nada de divinismos, nem atuação de técnicos invisíveis, de engenheiros ou arquitetos. Recentemente surgiram indagações sobre essa verdade, ora sob ataque. O livro de John Brockman, publicado por sua editora, This Idea must die, pergunta sobre quais ideias devem morrer para que outros paradigmas apareçam. Os humanos de hoje eram animais mas evoluíram. Não se discute nem de longe a origem da vida neste artigo. A ânsia da vida por si mesma compôs a inimaginável harmonia em que o mais forte se sobrepõe ao mais fraco. Mas há outros fatores que influenciam nos genes ao compor o DNA.

Palavras-chave: Quem somos? origem da vida. Evolução das espécies. Gênese. Ser humano.

ABSTRACT
Genetic memory would be responsible for forming the DNA database. No divinisms, no acting of invisible technicians, engineers or architects. Recently there have been questions about this truth, now under attack. John Brockman's book, published by his publisher, This Idea must die, asks what ideas should die for other paradigms to emerge. Humans today were animals but they evolved. The origin of life in this article is far from being discussed. The longing for life itself has composed the unimaginable harmony in which the stronger overcomes the weak. But there are other factors that influence genes when composing DNA.

Key words: Who we are? origin of life. Evolution of species. Genesis. Human being.

1 INTRODUÇÃO

Na história da busca do saber sobre o porque somos como somos, faz-se necessária uma pesquisa aprofundada em entender a longa jornada de nossos antepassados até o homem na sua formatação atual.

1.1 SURGIMENTO DA VIDA

O aparecimento da vida na terra sempre foi uma questão que intrigou filósofos, cientistas e pessoas comuns. Ao longo do tempo, as interpretações modificaram-se de acordo com a evolução da ciência (ZAIA; ZAIA, 2008). Estima-se que a terra tenha aproximadamente 5 bilhões de anos, as rochas mais antigas 3,9 bilhões de anos. A primeira célula, ou o primeiro fóssil de uma célula, apareceu há 3,5 bilhões de anos (CHAIMOVICH, 2008).

[1] Doutor em Ciências da Saúde pela PUC-PR e Coordenador do Curso de Medicina do Centro Universitário do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI), Rio do Sul, Santa Catarina.
[2] Graduado em Administração, Jornalismo e Psicologia; Aluno do curso de Pós-graduação Lato sensu em Psicopatologia clínica e Diagnóstico clínico da UNIDAVI.

1.2 SURGIMENTO DOS PRIMATAS

Inicialmente, há 500 milhões de anos, apareceram os primeiros invertebrados, seguidos das algas, plantas, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos há 250 milhões de anos. Há 60 milhões de anos surgiram os primeiros primatas verdadeiros e o moderno Homo sapiens há aproximadamente 100 mil anos. (ARCHAEOLOGYINFO, 2018).

1.3 EVOLUÇÃO DAS ESPÉCIES

A abordagem científica da teoria evolutiva, de base neodarwinista, foi estabelecida a partir da composição de um conjunto de explicações e conceitos evolutivos de diferentes áreas como a genética, a ecologia e a paleontologia. Tais aportes explicativos de áreas diversas consolidaram a teoria evolutiva como um fato empírico sob qualquer critério. (VALENÇA; FALCÃO, 2012).

A genética, tema imprescindível a qualquer base conceitual para a compreensão da evolução dos seres vivos e da própria biologia, constitui um paradigma para a ilustração de muitas das dificuldades e problemas de aprendizagem a que antes se aludiu (CID; NETO, 2005.) Portanto, genética é a ciência que estuda a hereditariedade, isto é, a transmissão de características biológicas dos ascendentes para os seus descendentes. A genética busca compreender os mecanismos dessa transmissão hereditária e da variação das características (JOAQUIM; EL-HANI, 2010).

As teorias sobre a origem do homem são relativamente recentes, só aparecendo no final do século XIX e até hoje estão em constante alteração. Pensar a evolução das espécies só tornou-se possível depois da revolucionária teoria do inglês Charles Darwin, publicada na obra *A origem das espécies* em 1859 (DARWIN, 2011).

Charles Darwin afirmou, baseado em observações empíricas na ilha de Galápagos (Equador), que a vida está em permanente adaptação com relação ao meio e a luta pela sobrevivência. A lei do mais forte comanda o processo de evolução e os mais adaptados, sobrevivem, enquanto mutações genéticas garantem vantagens que alteram características físicas das espécies (DARWIN, 2014).

O estudo de fósseis e vestígios arqueológicos permitiu traçar uma linha evolutiva da espécie humana. Os responsáveis por estes estudos são paleontólogos, arqueólogos e antropólogos, embora historiadores e geneticistas também contribuam com análises sobre os indícios encontrados (ANDRADE, 2001).

Acreditava-se que o ancestral mais antigo do homem era o Australopitecus, cujo nome significa macaco do sul, um fóssil descoberto no sul da África em 1924. Este primata teria aparecido há aproximadamente 1 milhão de anos, caracterizando-se por possuir cérebro um pouco maior que seus parentes, postura ereta, melhor visão e maior habilidade com as mãos, assim permitindo manipular instrumentos como varas para derrubar frutas, além do

desenvolvimento de habilidades sociais que possibilitaram a vida em grupo (PINSKY, 2003).

Porém, um fóssil encontrado em 1974, na África, começou a alterar este panorama. Tratava-se de Lucy, um Australopitecus com 3 milhões de anos. Assim originou-se outra teoria que defende a idéia que o Australopitecus é um primo distante do homem moderno, uma ramificação a partir de um ancestral comum. Então o Australopitecus não seria um ancestral do homem, até porque encontraram ramificações que dividiram o dito Australopitecus em subespécies tal como Africanus e Boisei, as quais terminaram também extintas. O Australopitecus e o Homo Habilis, este último nosso ancestral direto mais antigo, conviveram na mesma época, há cerca de 3 milhões de anos até aproximadamente 1 milhão de anos. Ambos descendendo Ramapithecus, um primata que surgiu há 12 milhões de anos, em diferentes regiões da África, Europa e Ásia (KIMBEL; DELEZENE, 2009).

Houve mutações que, pelo processo de seleção natural, originaram o Australopitecus e o Homo Habilis, muitas vezes confundidos nos livros didáticos como a mesma espécie, utilizados erroneamente como sinônimos. Ocorre que existe mais de uma ramificação a partir do Ramapithecus que torna o quebra cabeças mais complexo e desorganizado, pois, em 1891, foi descoberto na ilha de Java o Pitecantropos. Este homínida, que apareceu há cerca de 750 mil anos, cujo nome significa macaco em pé, o qual antes acreditava-se descender do Australopitecus, é na realidade uma linha evolutiva paralela (GRAÇA, 2012).

Atualmente, a opinião mais aceita diz que o Pitecantropus é apenas mais um primo do Homo Habilis, tendo como ancestral comum o Ramapithecus. Um fóssil, descoberto na China em 1921, permitiu observar que o Pitecantropus evoluiu, originando o Sinantropo, um primata de postura ereta, cérebro maior que seu antecessor e que conhecia o uso do fogo. É provável que o Australopitecus, Pitecantropus, Sinantropo e Homo Habilis representem mutações do Ramapithecus que conviveram em grupos rivais, disputando espaço. O mais adaptado sobreviveu e sobrepujou as demais, no caso o Homo Habilis, as demais se extinguiram. (MARCOZZI, 1978).

Entretanto, por volta de 1 milhão de anos surgiu o Homo Erectus, descendente direto do Homo Habilis, um hominídea fisicamente não muito diferente de nós, de aspecto robusto e forte, com cabeça achatada e maxilar saliente e que conhecia o fogo e vivia em grupos, possuindo noções de convivência social mais elaboradas (JOHANSON, 1987).

Então devido a prováveis mudanças climáticas, iniciando uma migração em massa para a África, os sobreviventes da jornada originaram o Homo Sapiens há 500 mil anos. Nascia o homem moderno, com todas as características que temos hoje, mas sem os mesmos hábitos ou modos de se relacionar entre si e com a natureza. O Homo Sapiens sofreu uma mutação mal sucedida entre 100 e 65 mil anos, fazendo surgir na Europa o Neandertal (WHITE, 2003).

Um hominídeo com cérebro menor que o Homo Sapiens, mas maior que o Homo Erectus; porém com grande força física e conhecedor do uso de lanças e machados de pedra lascada. Este realizava ainda um tipo de culto aos mortos, colocando enfeites e alimentos nos túmulos, para que o morto pudesse utilizar em outra vida. O Neandertal simplesmente

desapareceu há 50 mil anos, possivelmente se misturou com o Homo Sapiens, visto que alguns de nós possuem traços genéticos que remetem a eles. Seja como for, o homem moderno se tornou uma praga, transformando a natureza para fins de sua sobrevivência, espalhando-se pelo planeta e se multiplicando (BANKS, 2008).

De 1 milhão até 10 mil anos atrás, os hominídeas foram basicamente compostos por caçadores, pescadores e coletores. O que exigiu uma organização social para coordenar os esforços de caça, com uma divisão de tarefas pelo sexo e idade. De qualquer forma, durante o Neolítico, também chamado Idade da Pedra Polida, houveram mudanças significativas na organização social, cultura e religião. Os agrupamentos humanos se tornaram mais numerosos, comportando uma explosão demográfica que originou as primeiras cidades e, posteriormente, as primeiras civilizações. Este aumento das populações humanas criou rivalidade entre grupos humanos, fazendo nascer a figura do guerreiro e organizações militares para proteger ou tomar recursos e terras (HARARI, 2015).

2 OBJETIVOS

O objetivo central do estudo é realizar uma reflexão sobre a origem e evolução do ser humano, sobretudo, a respeito dos motivos que nos levaram a nos tornarmos os seres que somos hoje.

3 MÉTODO

O presente estudo é um trabalho de revisão e interpretação de literatura, utilizando-se artigos obtidos em bases de dados e livros, enquadrando-se na modalidade exploratória, bibliográfica, com abordagem qualitativa-interpretativa.

4 DISCUSSÃO

Quando se encontrar uma explicação para a origem, o conteúdo e a natureza da consciência humana, poderá a ciência modificar a convicção atual, lastreada apenas na teoria da reprodução, exposta na obra de Charles Darwin, *Origem das Espécies.*

Até aqui a ciência supôs que Charles Darwin, ao copiar seu avô Erasmus, chancelava a palavra final sobre o tema. (LIMA, 2015). O pensamento atual da comunidade científica, entretanto, evoluiu para uma convicção baseada em um complexo de eventos, não só genéticos, que influem na reprodução das espécies, elaborando um olhar novo e diferente, para justificar o "Por quê somos assim como somos" (BROCKMAN, 2015).

Para Isbelle (2011) o homem como ele é hoje, não é o resultado de um decreto divino. Foi se modificando com o passar dos anos... "Saber como foi que as coisas tiveram início,

parece ser – para a ciência atual, – a maneira de chegar a saber por que elas existem. Buscar intimidade com a uma pergunta com um nível de complexidade extremo" é o máximo que se pode esperar da ciência, "na falta de boas respostas"(GREENE, 2001, p. 399-401).

Por quê somos assim como somos? Insiste-se na indagação, como uma intrigante dúvida universal, não dirimida ainda, que até agora está lastreada na Teoria da Evolução das Espécies, de Charles Darwin (KAHNEMAN, 2012).

Hoje buscam-se literaturas que possam refletir outros pensamentos e que – conjunta ou separadamente – possam servir de arcabouço para haver diversidade de pensamento, síntese de uma mais aperfeiçoada e profunda Fundamentação Teórica (BROCKMAN, 2015).

John Brockman, convidou cientistas, artistas e filósofos, para responder a uma questão intrigante que afeta não somente a ciência, mas compreender e aprofundar o tema de quais ideias devam ser postas de lado para que novos paradigmas avancem é ainda válida ou já está superada ou se ela convive com *updates* recentes e complementares. O texto mencionado (*This idea must die*), mostra limitações ao desenvolvimento humano e identifica pelos grandes pensadores, o conjunto de detalhes que se constitui na fundamentação teórica para compreensão do tema.

Parece ser compreensivo dizer que a causa do comportamento é o cérebro mesmo que seja sensato entender e questionar com a ponderação: como as emoções e motivações e os mecanismos de aprendizagem, são influenciados pelos genes. Supõe-se que não faz sentido perguntar isso do próprio comportamento...

Quanto à biologia molecular, sabe-se que ela se apropriou do termo "gene", para se referir a extensões de DNA que codificam proteínas, um terreno absolutamente inexpugnável até os dias atuais, mas que sofre verdadeira invasão científica numa corrida de obstáculos para patentear descobertas.

Brockman (2015) afirma que "a bolha epigenética" ampliada pelos acadêmicos e seus meios científicos, é baseada em uma confusão semelhante àquela descrita anteriormente, com o teor de que qualquer aspecto do DNA, que pode afetar a expressão gênica está perto do que seja "inato" do que a compreensão do que seja um gene do ponto de vista dos biólogos.

O originalmente citado escritor Brockmann (2015), sobrepõe à sua teoria de que algumas ideias devem morrer, para que outros paradigmas possam aparecer; descreve o exemplo em que "se você trata todos os coelhos de carne e osso como aproximações imperfeitas de um coelho platônico ideal, não lhe ocorrerá que eles possam ter evoluído de um antepassado e que continuaram essa evolução em direção a um descendente não-coelho".

Cientificamente pensando, seguindo as postulações do "essencialismo", deduz-se que o cerne da ideia de coelho – um mero exemplo – é anterior à existência real de coelhos, pois a evolução não é uma ideia que surgirá de pronto em sua mente, podendo resistir quando alguém a sugerir.

Os paleontólogos argumentarão apaixonadamente sobre se determinado fóssil é Australopiteco ou Homo. Porém qualquer mente evolucionista sabe que devem ter existido

indivíduos intermediários.

Toda a discussão surge do pensamento de que é uma ausência total de sensibilidade *essencialista* insistir na obrigação de enquadrar o seu fóssil em um gênero ou outro. Diz que "nunca houve uma mãe Australopiteca que tenha dado à luz um filho Homo, pois todo indivíduo que nasce pertence à espécie da sua mãe".

As ideias que devem morrer para que outras possam nascer fica explícita na questão racial. A maioria dos afro-americanos é de etnia mista, porém a mentalidade essencialista está tão enraizada que os formulários oficiais dos EUA, exigem que todos optem por uma "raça" ou outra: não há espaço para intermediários.

Quando se busca adquirir sistemas robotizados de *baby-sitters*, não nos lembramos de que o fazemos para as crianças se desenvolverem saudavelmente; isto é aprender que há pessoas que cuidam constantemente delas. (BROCKMAN, 2015).

Na interação do aprendizado em sala de aula, hoje, talvez o que falha é que o humano aluno viaja em busca de celular e *I-Pad*, contendo chips metodicamente programados com *insights* e o humano professor desesperadamente caminha por estradas de papel e tinta, insinuando fragilmente a consciência da necessidade da solidariedade e da amizade. E quando as crianças estão com outras pessoas, reconhecem como o movimento e o significado da fala, voz, inflexão, rostos e corpos fluem juntos (BROCKMAN, 2015).

Atualmente, dentre as ideias que devem morrer para que outras possam se fazer presentes, os humanos e os computadores trabalham para exaltar hipóteses e possibilidades do que a simulação computadorizada pode oferecer. Deduz-se que ao longo do tempo "pessoas comecem a falar como se o que é possível obter artificialmente fosse qualitativamente superior ao que a vida" (humana) "pode oferecer" (BROCKMAN, 2015).

Responder por quais motivos somos o que somos é tentar compreender os limites da aplicabilidade de leis primevas e novas com uma busca contínua de respostas a exceções, violações e falhas que provocam "novos desafios ainda mais profundos, estimulando o progresso contínuo da ciência e o desenrolar de novas ideias, técnicas e conceitos".

A genética sozinha não explica "Por quê somos como somos", ao se dizer que falta algo. "O falta algo" de Brockman (2015), considera conceitos como informação, emergência, acidentes, contingências históricas, adaptação e seleção – todas são características de sistemas adaptativos complexos, sejam organismos, sociedades, ecossistemas e ou economias, que formatam o meio, uma espécie de caldo dentro do qual nascemos e no qual desapareceremos certamente.

Faz sentido pensar que o desafio de desenvolver e testar um quadro de paradigmas, quantitativo, analítico e real para a descrição de sistemas adaptativos – que formataram os seres vivos – plantas e animais – é certamente um dos mais ousados objetivos deste e de séculos vindouros. E como todas as grandes sínteses, ela inevitavelmente permanecerá incompleta se insistirmos em responder ou em tentar responder ou tentar fazê-lo, perguntas, pensamentos, *insights*, técnicas importantes e até mesmo – talvez – revolucionárias como o foram outras

ideias no passado.

Se Charles Darwin tivesse vivido na época de John Brockman, provavelmente a biologia não seria a mesma, a ciência teria tomado outro caminho e as conclusões sobre a evolução das espécies seriam outras.

É com base nessa premissa que não chega nem a ser posta como aceitável, aceitável no mundo científico, que consegue esse mesmo mundo científico perceber, quão complexo ele próprio é.

Como a seleção natural age apenas pelo acúmulo de pequenas modificações de estrutura ou de instinto, cada uma vantajosa para o indivíduo, de acordo com suas condições de vida, parece razoável que se pergunte como uma longa e graduada sucessão de instintos arquitetônicos modificados, todos tendendo para o atual plano perfeito de construção, poderia ter aproveitado os ancestrais da abelha por exemplo? (DARWIN, 2014).

Havia mais de 10.500 probabilidades, "improváveis" ou não, de fazer estimativas acerca de como era o presumível mundo, dentro do qual haveria muitos universos, pensados hoje também por John Brockmann, quebrando paradigmas essencialmente cristãos, os quais não se afastam da tese do criacionismo humano, nascido do barro, que se quer existia...

Darwin em suas duas obras aqui analisadas como texto exploratório de um conjunto inexplicável de adversos e enigmáticos temas, não saía de seu casulo, onde a única certeza era a de que nada não pode gerar algo, "de que deus, um totem poderoso, não poderia governar o mundo como se fora esse mundo um boneco ventríloquo. Em todos os DNAs parece estar embutida a necessidade de um totem para que a ciência possa, na ausência de boas respostas, formular novas e desafiadoras perguntas". (DARWIN)

O ser humano não domina nada além do nano. Aí inicia apenas a suposição de que outros universos existem e outras dimensões, não conhecidas evidentemente, podem conter a explicação que se fundamenta no pensamento de Brockman (2015), ao afirmar que fundamentais hoje, inarredáveis princípios devem morrer para que novos paradigmas possam nascer. Sem essa morte não avançará a ciência rumo ao desconhecido e compactado território dos outros universos, dentro dos quais habitam explicações, teses, princípios, convenções e hipóteses que hoje desafiam o suposto Olimpo da sabedoria humana.

Sob este ponto de vista, um pessimista argumentaria que, uma vez que não vemos as demais partes do universo, não podemos provar que esta imagem está correta, ao falar em milhares de tipos de universos – diferentes do nosso único universo conhecido. Um otimista, por sua vez, afirmará que não podemos descartar a ideia pois o principal pressuposto é que os outros universos estão longe de nós.

Mas seria ignorante, ignóbil ou pouco saudável do ponto de vista mental, se supor que muitos dos eventos encontrados em nosso universo conhecido, são o resultado da importação de outros universos? Os seres humanos, as formigas, as abelhas, os buracos negros, os quasares, a força forte, a força fraca, a gravidade, o magnetismo, a eletricidade, a matéria escura, os polos dos planetas, a velocidade com ou sem limite para a luz, todos esses eventos, não têm completa

e convincente explicação, mesmo sob a formação em trilhões de anos. Daí é importante supor que a vida veio de um outro universo e os fatos dela decorrentes têm surgido também como decorrência dessa possibilidade.

Em *A expressão das emoções no homem e nos animais*, Charles Darwin (1889-1882), reforça o pensamento de que mesmo que hoje possamos abandonar a filosofia vendida contra a operosidade religiosa-cristã-papal-católica, da época de 1859, ajuda a compreender que de degrau a degrau, cada um vai formatando contínua e persistentemente a ciência do amanhã. (DARWIN, 2000).

Hoje, a ideia de multiversos, pode ser tão louca como o foi a ideia de Darwin, com a *Origem das Espécies*, um relato experimentado dia a dia durante muitos anos, ainda um bonito trabalho digno de ser contemplado e admirado pelas gerações mais novas, quando fez a viagem no Beagle, um velho navio a velas.

"Qualquer um de nós que defenda o Universo, diz Brockmann (2015), deve ter as mesmas propriedades em todos os lugares, obriga-se, antes de mais nada, a provar que apenas um desses 10.500 universos é possível".

Brockmann e Darwin não poderiam jamais ter vivido na mesma época. Mas se tivessem, certamente daria para concluir que os estudos de Darwin atrasaram profundamente os legados deixados por este biólogo que tanto deu de conhecimentos para a humanidade.

Antes Brockman depois Darwin, seria a ordem correta da obtenção de conhecimento sem o contágio da religião, os paradigmas obscenos que formataram a cabeça dos humanos pelos quais se forjaram conceitos, convenções e dogmas inequivocamente adversos ao progresso científico.

Brockmann (2015), diz que o foco hoje, deve ser posto no rol de novos mistérios e objetos de investigação, exatamente aqueles capazes de lembrar quão pouco realmente sabemos acerca do mundo à nossa volta. Nada sabemos sobre o homem e sua estrutura: o que são mente, consciência, emoção, sentimento, dor, prazer, prurido, fontes de memórias, tráfego da mielina que apressa os circuitos neuronais das sinapses.

Neste pressuposto de desafio acerca do ambiente em que Darwin operou suas ideias como biólogo amador, há aspectos que descrevem eventos constrangedores até.

Poucos dias antes de chegar às bancas, a primeira edição escrita deste livro trazia os detalhes do que vinha sendo chamado de Livro das Espécies. Na mencionada resenha, que tudo leva a crer ter sido do autor, o famoso e hábil John Murray – como cuidadoso e discreto articulador, o autor anônimo perguntava: "se um macaco originou o homem, que tipo de ser haverá de se originar de nós?"

Daí em diante, não surpreende que o livro "A origem das Espécies", tenha encontrado uma boa acolhida por parte do público inglês. (DARWIN, 2014, p.8).

Se olharmos o pensamento de John Brockmann quanto ao comportamento, genes e meio ambiente, se perceberão relevantes questões, todas elas afirmativas de que o comportamento de seu smartphone ou computador pode ser determinado com a tecnologia de hoje (2018), século

21, pela interação entre o design interno e a forma como é influenciado pelo ambiente externo.

Não parece ser uma informação néscia ou claudicante mas parcialmente falsa ou talvez desencontrada e estranha.

Aí residem, conforme o pensamento de Brockman (2015), as explicações para os virtuais sistemas adaptativos intrincados e delirantes, que têm uma "organização que parece não aleatória", além de obterem insumos.

O autor de *This idea must die* descreve o fato de que considerar os insumos (energia, internet, banda larga, fibra ótica), de um computador serem capazes de modelar o comportamento do sistema, não contribuiria em nada para compreender o seu funcionamento.

Do mesmo modo o cérebro humano é muito mais complexo, mutante, adaptativo, compelido a se autodesenvolver na geração inovadora atual. Ele processa os seus insumos de maneiras mais intrincadas do que dispositivos criados por humanos, contudo, muitas pessoas o analisam a partir de perspectivas simplistas, fazendo com que todo o termo nesta equação seja suspeito para dizer o mínimo, propõe Brockman (2015).

Ninguém hoje ainda sabe dizer ou sequer duvidar publicamente, muitos anos depois da chamada "revolução cognitiva", se o comportamento das plantas, bichos, humanos, é determinado geneticamente ou ambientalmente. No entanto, nem os genes nem o meio ambiente podem controlar os músculos diretamente.

Considera infeliz a conclusão dada como definitiva em que o sentido da biologia molecular é diferente do usado na genética populacional, na genética comportamental e na teoria evolutiva, quando qualquer transportador de informações deve ser transmissor entre gerações e tem efeitos sustentados sobre os arranjos adaptativos fenotípicos.

Antônio Damásio, em *O mistério da consciência*, em muitos livros e artigos subsequentes, toca em uma consciência central, o sentimento básico de como estamos, que por fim se torna um sentimento vago, implícito, de consciência. (SACKS, 2017).

Na discussão para reafirmar que não apenas a genética mas outros eventos formatam o DNA, não há nada de factualmente errado em afirmar que os seres humanos são capazes de aprender ou de que podem ser condicionados a associar estímulos ou a reagir a recompensas e punições ou qualquer outro aspecto da Teoria do Aprendizado. (RIDLEY, 2008).

Estes são fatos verdadeiros, e são tijolos essenciais da parede que se está construindo. Mas se segue daí que os seres humanos não têm instintos, e menos ainda, que os seres humanos são incapazes de aprender se têm instintos.

No nosso universo são arremessados ao espaço por meio das explosões das supernovas, todo o enorme complexo de variações de carbono e oxigênio, cujo domínio completo ainda a ciência não possui.

Tendo em vista que a formação da vida depende crucialmente das características da estrutura física, se pergunta agora, por que as forças e as partículas da natureza têm as propriedades que têm; então, surge uma resposta possível: em toda a extensão do multiverso, essas características, variam fortemente hoje, como no tempo de Darwin – muitos anos atrás; as

propriedades podem ser diferentes e são diferentes em outros universos. O que a combinação particular de propriedades das partículas e das forças que se observa no nosso universo tem de especial é que elas ensejam a formação da vida.

Sim, aqui se discute "Por quê somos assim como somos"; se a variação das partículas conhecidas, não pode nem deve ser diferente – mas eventualmente (não sabemos hoje e não saberemos tão breve) – podem ter composto a formação da vida em outros universos ora desconhecidos

Devemos esperar que a nossa Teoria Definitiva, egressa da Teoria Quântica, "irmã" da Teoria das Cordas, que talvez não possamos exigir tanto de uma teoria definitiva em que a resposta seja menos triste quanto à formulada neste texto "Por que somos assim como somos"?

É provável que devemos esperar que a nossa Teoria Definitiva, a Teoria de Tudo, certamente impossível e a utopia das utopias, dê à ciência uma ideia de cosmologia convincente para o nosso próprio universo, onde o homem não sabe nem presume o que seja ele ter consciência de si próprio, quanto mais pretender dominar outros mistérios insondáveis acerca da existência de um totem capaz e competente para ter criado tudo o que os criacionistas defendem em detrimento do pensamento de Charles Robert Darwin, uma das fontes deste debate a respeito do tema em contraposição a "This idea must die".

Enfim, se o quadro do multiverso for concreto, o que é uma enorme interrogação, talvez tampouco possamos exigir que a nossa teoria consiga explicar também a propriedade específica das massas, das cargas delas e das partículas bem como a intensidade das forças que regem o mundo e a inteligência que o habita. (GREENE, 2001).

Discute-se o saber, donde provém a convicção de que o cérebro não possui um mecanismo para assegurar a verdade ou pelo menos o caráter verídico de nossas recordações e não temos acesso direto à verdade histórica sobre o que sentimos ou afirmamos ser real.

Os seres humanos têm falibilidades e imperfeições em suas memórias. Nascem aí apropriações mentais que, encubadas na memória, se constituem em um fundamental potencial de nossa memória morfogenética. Conforme esse pensamento, não seria o indivíduo influenciado pelo meio ambiente e ou por outros fatores desconhecidos? (SACKS, 2017).

Em essência ainda um mistério que, desafiando saberes, busca compreender o ciclo de vida destes seres, além de seus reflexos no funcionamento de diferentes meios. O nosso subconsciente conhece as memórias celulares, pois cada uma delas tem uma localização e uma função. Dentre as memórias que possuímos, a morfogenética é a que interessa ao DNA e/ou a outros eventos que se constituem em mistério não acessado pela inteligência humana até aqui.

Darwin tinha técnicas caseiras em suas observações. Mas todas elas teriam sido precisas e corretas até aqui quando surgem outros convincentes estudos como o de John Brockman. As ideias de Darwin sugerem um mensageiro químico transmitido a partir da extremidade sensível da planta até o seu tecido motor; elas abriram caminho quase um século depois, para a descoberta de hormônios vegetais como as axinas, semelhantes ao sistema nervoso dos animais, essência do pensamento atual sobre a formação da memória morfogenética.

Por mais de 99% de seus quase 250 mil anos na Terra, o ser humano foi dominado pelo medo e pelo pensamento mitológico de suas lendas em busca de um totem, que possa ter sido o autor soberano e único, plenipotenciário e detentor do bem e do mal, um deus que castiga e premia com a vastidão do suposto poder e do abstrato onipresente. Há 2.500 anos surgiu a filosofia e a razão, as quais tentaram buscar resposta ao irrespondível, abrindo fendas para algo além dos mitos e das crenças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por quê somos assim como somos" é pergunta consequente de uma derivação sequencial que a partir da vida continua a se suceder infinitamente, tema para o qual ninguém tem resposta.

A memória, em suas múltiplas e inextricáveis formas, modelos jeitos e perfis, plasma o ser vivo, sejam eles do mundo animal, se diferença houver entre os ditos humanos e seus semelhantes inferiores.

Somos o que somos não por decreto divino.

A evolução da espécie é teorizada pela aplicação da Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin. Seu avô Erasmus – 1731-1802, já a havia pensado tal qual o neto formulou em seu "A Origem das Espécies" (1859).

É possível imaginar que a origem da vida esteja ligada a essa mecânica sequencial cujo sopro a natureza se encarregou de iniciar e continuar. Parecemos ser um moto-contínuo sucessivo e perene.

Não há ninguém que tenha conseguido explicar a vida, mas a sua transformação como a conhecemos hoje, do início ao momento atual, não há dúvida que está explicada pela teoria de Charles Darwin.

Não pode a ciência ignorar o conteúdo do trabalho de John Brockman, cujo título "*This Idea Must Die"*, acrescenta aspectos ignorados até aqui e que complementam observações imperfeitas, ora modificadas.

O ser vivo atual, seja uma planta ou um animal, é o que é por ser consequência da evolução das espécies (Darwin) e por influências de fatores externos como o clima, o meio e a Lei da Gravidade, dentre tantos outros elementos influentes, como pensa John Brockman.

O astrofísico Stephen Hawking, provou a existência dos buracos negros, pois era inevitável a sua existência, uniu as teorias inconciliáveis para encontrar uma forma de destruí-los.

Notou também que eles são capazes de deletar o software do Universo e importante – "dar sumiço na informação que faz de nós o que somos". "Por que somos assim como somos" parece conter na pergunta uma única resposta: somos o resultado de bilhões de anos de modificações adaptativas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marconi. **Antropologia:** uma introdução. São Paulo: Atlas, 2001.

ARCHAEOLOGYINFO. **The Human Evolution**: A Description of Fossil Hominids and Their Origins. 2018. Disponível em: <http://archaeologyinfo.com/human-evolution/>. Acesso em: 20 jun. 2018.

BANKS, William E. et al. Neanderthal extinction by competitive exclusion. **PLoS One**, v. 3, n. 12, p. e3972, 2008.

BROCKMAN, John. **This Idea Must Die:** Scientific Theories That Are Blocking Progress. [s.l.]: Harper Perennial, 2015.

CHAIMOVICH, Hernan. Origem da vida. **Ciência e Cultura**, v. 60, n. SPE1, p. 54-56, 2008.

CID, Marilia; NETO, Antonio J. Dificuldades de aprendizagem e conhecimento pedagógico do conteúdo: o caso da genética. **Enseñanza de las Ciencias**, n. Extra, p. 1-5, 2005.

DAMÁSIO, Antônio R. **O erro de descartes:** emoção, razão e o cérebro humano. Tradução de: Dora Vicente e Georgia Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DARWIN, Charles **A origem das espécies.** Tradução de: Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo: Martin Claret, 2014.

_____. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. Tradução de: Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **The descent of man**. [s.l.]:[s.n.], 1871.

DAWKINS, Richard. **A escalada do monte improvável**. Tradução de: Suzana Sturlini Couto. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.

_____**. Deus, um delírio**. Tradução de: Fernanda Ravgnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____**. O gene egoísta**. Tradução de: Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GRAÇA, Winston de Castro. Aspectos antropológicos e evolutivos da preensão. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 2, n. 1, p. 13-15, 2012.

GREENE, Brian. **O tecido do cosmo:** o espaço, o tempo e a textura da realidade. Tradução de José Veigas Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **O Universo elegante:** supercordas, dimensões ocultas e a busca de teoria definitiva. Tradução de: José Veigas Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HAWKING, Stephen**. O Universo numa casca de noz.** Tradução de: Ivo Korytowski. 6.ed. São Paulo, Arx, 2002.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens:** uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2015.

_____. **Uma breve história da humanidade.** 18.ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

ISBELLE, Sami. **A crença no Decreto Divino, seja ele bom ou mau:** sexto pilar da crença. Extra, 2011. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/sami-isbelle/a-crenca-no-decreto-divino-seja-ele-bom-ou-mau-sexto-pilar-da-crenca-818531.html> Acesso em: 02 fev.2018.

JOAQUIM, Leyla Mariane; EL-HANI, Charbel Niño. A genética em transformação: crise e revisão do conceito de gene. **Scientiae studia**, v. 8, n. 1, p. 93-128, 2010.

JOHANSON, Donald C. et al. New partial skeleton of Homo habilis from Olduvai Gorge, Tanzania. **Nature**, v. 327, n. 6119, p. 205, 1987.

KIMBEL, William H.; DELEZENE, Lucas K. ‘‘Lucy’’Redux: A Review of Research on. **Yearbook of Physical Anthropology,** v. 52, p. 2-48, 2009.

KAHNEMAN Daniel. **Rápido e devagar, duas formas de pensar.** [s.l.]: Editora Objetiva, 2012.

LIMA, Mariana Araguaia de Castro Sá**. Biologia Celular**. 2015? Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/biologia/citologia.htm> Acesso em: 03 abr. 2018.

MARCOZZI, Vittorio. I problemi delle origini dell’Uomo e la Paleontologia. **Gregorianum**, p. 511-535, 1978.

PINSKY, Jaime. **As primeiras civilizações**. São Paulo: Contexto, 2003.

RIDLEY, Matt. **O que nos faz humanos**. Tradução de: Ryta Vinagre. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SACKS, Oliver. **O rio da consciência**. Tradução de: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VALENÇA, Cristiana Rosa; FALCÃO, Eliane Brígida Morais. Teoria da evolução: Representações de professores pesquisadores de biologia e suas relações com o ensino médio. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 11, n. 2, p. 471-486, 2012.

WHITE, Tim D. et al. Pleistocene homo sapiens from middle awash, ethiopia. **Nature**, v. 423, n. 6941, p. 742, 2003.

ZAIA, Dimas AM; ZAIA, Cássia Thaïs BV. Algumas controvérsias sobre a origem da vida. **Quim. Nova**, v. 31, n. 6, p. 1599-1602, 2008.

CAMINHOS

Revista online de divulgação científica da Unidavi

UNIDAVI

editora unidavi